



ISBN 978-989-97066-5-1



ESTUDOS DE HERÁLDICA MEDIEVAL

COORDENAÇÃO

Miguel Metelo de Seixas
Maria de Lurdes Rosa

**Sigilografia heráldica eclesiástica medieval portuguesa no
Archivo Histórico Nacional de Espanha
Anísio Miguel de Sousa Saraiva e
Maria do Rosário Barbosa Morujão**



Sigilografia heráldica eclesiástica medieval portuguesa no *Archivo Histórico Nacional* de Espanha

Anísio Miguel de Sousa Saraiva e Maria do Rosário Barbosa Morujão

1. Introdução

Seguindo a linha de investigação sobre a heráldica nos selos do clero secular português, iniciada com o trabalho *L'héraldique dans les sceaux du clergé séculier portugais (XIII^e-XV^e siècles)*, apresentado por nós e por Miguel Metelo de Seixas no Segundo Colóquio Internacional *Héraldique et Numismatique, Moyen Âge - Temps Modernes*, realizado na Universidade do Havre (França), em Setembro de 2011¹, publicamos este novo ensaio, que continua essa primeira abordagem e ao mesmo tempo procura dar mais um contributo ao projecto de organização e estudo do *corpus* sigilográfico do clero secular medieval português que trazemos em preparação, e no qual também incluímos os espécimes entretanto identificados em diferentes bibliotecas e arquivos europeus².

Fruto desse trabalho de pesquisa e de inventário realizado para além do espaço

¹ Colóquio promovido pelo GRIC (Groupe de Recherches Identités et Cultures) da Universidade do Havre e coordenado pelo Prof. Yvan Loskoutoff, prevendo-se para breve a publicação dos trabalhos nele apresentados pelas *Presses des Universités de Rouen et du Havre*. A heráldica eclesiástica medieval é um tema ainda pouco explorado, não apenas entre nós, mas de um modo geral, em boa medida devido ao seu carácter tardio relativamente à adopção de armas por outros grupos sociais, mormente a nobreza. Sobre este assunto, vejamos, para Portugal, os trabalhos de SEIXAS, Miguel Metelo de, “Heráldica eclesiástica: entre os usos concretos e as disposições normativas”, in SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa e MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa (eds.), *O clero secular medieval e as suas catedrais: novas perspectivas e abordagens*, Lisboa, CEHR/UCP, 2012 (no prelo); idem, “Heráldica eclesiástica na porcelana oriental de importação portuguesa”, in *Portugal na porcelana da China: 500 anos de comércio*, vol. 2, Lisboa, Artemágica, 2007, pp. 415-477; e SAMEIRO, Pedro de Sá Alves, “L'héraldique ecclésiastique au Portugal”, sep. de *Genealogica & Heraldica. Report of the 16th International Congress of Genealogical and Heraldic Sciences. Helsinki. 16/21 Aug. 1984*, Helsinki, The Finnish National Committee for Genealogy and Heraldry, 1986. Como bibliografia mais importante a nível internacional, cfr. HEIM, Bruno Bernard, *Heraldry in the Catholic Church. Its origin, customs and laws*, Gerrards Cross, Van Duren, 1981; e BOUYÉ, Édouard, “Ces évêques au chapeau vert...”, *Arma et Sigilla. Bulletin du Consortium pour l'Étude de l'Héraldique et de la Sigillographie Ecclésiastiques*, 1 (1997), pp. 15-18; idem, “Héraldique médiévale des évêques de la France du Nord”, in BLEISTEINER, C. D. (ed.), *L'héraldique religieuse. Actes du X^e Colloque International d'Héraldique*, München, Degener & Co., 1999, pp. 123-152.

² Os princípios metodológicos e os objectivos deste projecto de investigação foram já motivo de uma primeira apresentação pública a cargo de MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa, “O selo como símbolo e representação do poder no mundo das catedrais”, in SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa e MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa (eds.), *O clero secular medieval e as suas catedrais: novas perspectivas e abordagens*, Lisboa, CEHR/UCP, 2012 (no prelo).

nacional, damos a conhecer um pequeno elenco de selos eclesiásticos medievais portugueses proveniente da colecção de selos pendentes e de chapa do *Archivo Histórico Nacional* de Espanha³, hoje constituída por mais de dois mil espécimes sigilares, de natureza eclesiástica mas também de origem régia, municipal, universitária e particular, entre os quais se encontram alguns exemplares relativos a Portugal⁴. No seu conjunto, estes espécimes dão corpo a um dos maiores e mais importantes repositórios sigilográficos europeus⁵, classificação que lhe podemos atribuir com total propriedade, não apenas pela dimensão que apresenta, mas sobretudo pela notável amplitude cronológica e pela variedade das suas características tipológicas, também presentes nas demais colecções de matrizes e de moldes custodiadas igualmente pelo *Archivo Histórico Nacional*⁶.

³ As colecções de selos pendentes e de chapa medievais e modernos e de moldes do *Archivo Histórico Nacional* (AHN) são constituídas por cerca de 2266 espécimes sigilares, em boa hora inventariados e catalogados por GUGLIERI NAVARRO, Araceli, *Catálogo de sellos de la Sección de Sigilografía del Archivo Histórico Nacional*, tomo 1: *Sellos Reales*; tomo 2: *Sellos eclesiásticos*; tomo 3: *Órdenes militares, corporaciones, particulares, varios*, Madrid, Servicio de Publicaciones del Ministerio de Educación y Ciencia, 1974. Este volumoso catálogo amplia e termina o trabalho deixado incompleto nos inícios do século XX pelo criador destas mesmas colecções, MENÉNDEZ PIDAL, Juan, *Catálogo I: sellos españoles de la Edad Media*, Madrid, Archivo Histórico Nacional, 1918.

⁴ Trata-se essencialmente de selos de reis e infantes. Entre eles, um do rei D. Afonso V, outro de D. Fernando (infante de Serpa, filho de D. Afonso II) e os restantes das infantas portuguesas rainhas de Castela D. Constança (filha de D. Dinis e mulher de Fernando IV); D. Maria (filha de D. Afonso IV e mulher de Afonso XI) e D. Beatriz (filha de D. Fernando e segunda mulher de João I de Trastâmara); cfr. GUGLIERI NAVARRO, Araceli, *Catálogo de sellos...*, vol. 1: *Sellos Reales*, n.ºs. 749, 168, 711, 212, 213, 276 e 277. Além destas impressões sigilares sabemos ainda existirem no AHN moldes de outros três espécimes que não foram destacados dos documentos originais, um deles pertencente à rainha D. Constança (mulher de Fernando IV de Castela), com data de 1309 (AHN, Clero, Carr. 923, doc. 12; Improntas, n.º 2944), e os restantes à rainha D. Constança Manuel (filha do infante D. João Manuel de Castela e mulher do rei D. Pedro I de Portugal; cfr. MENÉNDEZ PIDAL, Juan, *Catálogo I: sellos españoles...*, p. 133) e à infanta D. Branca (neta de Afonso X e filha de D. Afonso III de Portugal, senhora das Huelgas de Burgos), de 1312 (AHN, Improntas, n.º 308), cujos originais se encontram no Archivo Municipal Cifuentes (Guadalajara). Cfr. MENÉNDEZ PIDAL DE NAVASCUÉS, Faustino, *Apuntes de sigilografía española*, Guadalajara, Institución Provincial de Cultura, 1988, p. 41; idem, "Alguns monumentos heráldicos portugueses em Espanha", *Armas e Troféus*, 4/1 (1963), pp. 38-40.

⁵ Entre os quais pontificam as colecções de selos do *Archivio Segreto Vaticano*, do *British Museum*, dos *Archives Nationales de France*, dos *Archives Générales du Royaume de Belgique* e do *Museo Nazionale del Bargello* de Florença, que desde o século XIX têm vindo a proceder à identificação, moldagem e estudo dos milhares de impressões que as integram; cfr. SELLA, Pietro, *I sigilli dell'Archivio Vaticano*, 6 vols., Città del Vaticano, Biblioteca Apostolica Vaticana, 1937-1964; BIRCH, Walter de Gray, *Catalogue of seals in the Department of Manuscripts in the British Museum*, 6 vols., London, Printed by Order of the Trustees, 1887-1924; BEDOS-REZAK, Brigitte, "Les politiques du Service des Sceaux des Archives Nationales: bilans et perspectives", *Gazette des Archives*, 125-126 (1984), pp. 156-164; LAURENT, René, *Inventaire de la collection de moulages de sceaux des Archives générales du Royaume à Bruxelles*, Bruxelles, Archives générales du royaume, 2003; e MUZZI, Andrea; TOMASELLO, Bruna; TORI, Attilio, *Sigilli ecclesiastici e civili dei secoli XIII-XVIII*, 3 vols., Firenze, Associazione "Amici del Bargello", 1988-1990.

⁶ Cfr. MENÉNDEZ PIDAL, Faustino; GÓMEZ PÉREZ, Elena, *Matrices de sellos españoles: siglos XII al XVI*, Madrid, Ministerio de Cultura, 1987; e CARMONA DE LOS SANTOS, María, "Censo de colecciones españolas de matrices de sellos", *Boletín de la ANABAD*, 44/3 (1994), pp. 29-42.

2. Caracterização do *corpus* em estudo

Entre a numerosa série de selos eclesiásticos que aqui encontramos, respeitantes a papas, cardeais, arcebispos, bispos e cúrias diocesanas, a cabidos catedralícios e a clérigos capitulares, ou a abades e priores, mosteiros e conventos, de dentro e de fora dos reinos peninsulares, identificámos um conjunto de nove espécimes, seis medievais e três modernos, pertencentes a elementos do clero secular português, os quais, curiosamente, não existem na sua maioria nos acervos nacionais, ou neles não se acham em tão bom estado de conservação. Os mais antigos exemplares datam dos finais do século XIII (cfr. Quadro I, em anexo) e correspondem aos selos de D. Fernando Martins, bispo de Évora (1297-1310/11†)⁷, e de D. Martinho Pires de Oliveira, arcebispo de Braga (1296-1313†)⁸, sendo logo seguidos pelas impressões sigilares do bispo de Lisboa D. Gonçalo Pereira (1322-1326)⁹, do bispo de Évora D. Pedro Martínez Argote (1322-1340†)¹⁰ e do arcediogo de Viseu Pedro Sánchez de Montalbán (1318-1330)¹¹, todas elas realizadas durante a década de vinte do século XIV. De meados da centúria seguinte data o exemplar pertencente ao arcebispo de Lisboa D. Afonso Pires Nogueira (1459-1464†)¹², o último da época medieval a compor este elenco sigilográfico. Os restantes espécimes referem-se já ao século XVI e ao famoso bispo de Viseu D. Miguel da Silva, mais concretamente ao período em que este, já afastado de Portugal e investido na dignidade cardinalícia com o título

⁷ Sobre este prelado, antes tesoureiro do cabido da Évora, e a cronologia do seu episcopado nesta catedral alentejana, cfr. VILAR, Hermínia Vasconcelos, *As dimensões de um poder: a diocese de Évora na Idade Média*, Lisboa, Estampa, 1999, pp. 69-73; SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa, *A Sé de Lamego na primeira metade do século XIV: 1296-1349*, Leiria, Magno Edições, 2003, p. 61, nota 110; e MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa (coord.), *Testamenti Ecclesiae Portugaliae (1071-1325)*, Lisboa, CEHR, 2010, pp. 477-484, docs. 3.1 e 3.2.

⁸ Acerca deste arcebispo bracarense do tempo de D. Dinis, cfr. SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa, "Nepotism, illegitimacy and papal protection in the construction of a career: Rodrigo Pires de Oliveira, bishop of Lamego (1311-1330†)", *e-Journal of Portuguese History*. [Em linha]. 6-1 (2008), nota 21. [Consult. 13.11.2011]. Disponível em http://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/html/Summer08.html.

⁹ O bispado de Lisboa conta-se entre uma das muitas etapas da sua carreira eclesiástica, que culminou com a ascensão ao arcebispado de Braga, em 1326; cfr. VILAR, Hermínia Vasconcelos, *As dimensões de um poder...*, pp. 79-84; e SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa, *A Sé de Lamego...*, p. 348.

¹⁰ Não deixando de ressaltar a inserção social e a origem castelhana de D. Pedro Martínez Argote, já por nós comprovada, como mais à frente veremos (cfr. nota 41) e VILAR, Hermínia Vasconcelos, *As dimensões de um poder...*, pp. 85-86.

¹¹ Identificado a partir de 1316 como cónego da colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães, Pedro Sánchez de Montalbán ascendeu dois anos depois ao arcediagado de Viseu, que acumulou com um canonicato em Coimbra, onde foi vigário episcopal até 1330. Daqui passou ao chantrado da Sé de Lisboa, dignidade com que terminou a sua carreira, por volta de 1347. Cfr. Arquivo Distrital de Viseu (ADVIS), Pergaminhos, m. 28, nº 88; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa, *A Sé de Coimbra. A instituição e a chancelaria (1080-1318)*, Lisboa, FCG/FCT, 2010, p. 268; e FARELO, Mário, *O cabido da Sé de Lisboa e os seus cónegos (1277-1377)*, vol. 2, Lisboa, FLUL, 2003, pp. 123-127.

¹² Antes de ocupar a cátedra arquiepiscopal de Lisboa, D. Afonso Pires Nogueira foi bispo de Coimbra, entre 1453 e 1459; cfr. ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. 1, Porto, Portucalense Editora, 1967, pp. 502-503 e 513.

dos Santos Doze Apóstolos, exerceu funções de legado *a latere* do papa Paulo III, na Espanha do imperador Carlos V¹³.

Por transporem o arco cronológico definido para este estudo, optámos por excluir da nossa análise estas três impressões sigilares de D. Miguel da Silva¹⁴, bem como as dos bispos D. Fernando Martins, D. Martinho Pires de Oliveira e do arcediogo Pedro Sánchez de Montalbán, que, embora pertençam ao *corpus* dos selos eclesiásticos medievais portugueses, não apresentam nas suas composições os motivos heráldicos que nos interessa de momento analisar.

Com efeito, estes três espécimes medievos, impressos em cera vermelha e no formato de dupla ogiva, como era comum na Idade Média entre os sigilantes clericais e femininos¹⁵, perfilham das mesmas formulações presentes nas matrizes eclesiásticas que predominaram em Portugal e nos demais reinos europeus durante este período dos finais do século XIII e inícios do século XIV. O que se aplica sobremaneira ao domínio da sigilografia episcopal, em que o modelo iconográfico tradicional representa o bispo investido das insígnias representativas do seu poder, munido do báculo e da mitra e dando a bênção com a mão direita erguida, modelo esse

¹³ España. Ministerio de Educación, Cultura y Deporte. Archivo Histórico Nacional (doravante abreviado simplesmente como AHN) Sigil-Sellos, C. 99, nº 1 e 2; e C. 89, nº 8. Datam estes três exemplares de D. Miguel da Silva do ano de 1542. O primeiro, de 2 de Novembro, autenticou uma carta remissória dada no mosteiro de Poblet (Tarragona) pelo cardeal a um monge desse instituto; o segundo e o terceiro, de 4 de Novembro, validaram duas cartas, uma de indulgências e outra de confirmação de privilégios, dadas por D. Miguel da Silva, numa localidade da diocese catalã de Vic, a esse mesmo mosteiro de Poblet. Trata-se de selos circulares com 40 a 46 mm de diâmetro, em razoável estado de conservação, impressos em cera vermelha assente em cocho de madeira, que apresentam no campo um escudo com um leão rampante, envolto pelo chapéu cardinalício e pela legenda: + MIC : BASIL : XII : AP : PRB : CAR : VISEN : LEGATVS; (leitura feita por GUGLIERI NAVARRO, Araceli, *Catálogo de sellos...*, vol. 2: *Sellos Eclesiásticos*, nºs. 1031, 1032 e 1033). Sobre o percurso de D. Miguel da Silva e em particular a legacia que realizou em Espanha, entre 1542 e 1543, com o propósito frustrado de concertar a paz entre Carlos V e Francisco I de França, cfr. BUESCU, Ana Isabel, “D. João III e D. Miguel da Silva, bispo de Viseu: novas razões para um ódio velho”, *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 10-1 (2010), pp. 141-168; e DESWARTE, Sylvie, *Il “Perfetto Cortegiano” D. Miguel da Silva*, [Roma], Bulzoni, 1989, pp. 103-104.

¹⁴ Até ao momento, não se conhecem em Portugal quaisquer impressões desta matriz sigilar de D. Miguel da Silva enquanto cardeal, dignidade que ocupou oficialmente desde 1541 até ao ano da sua morte, em 1556. No contexto dos arquivos e bibliotecas portuguesas, apenas apurámos seis impressões sigilares de D. Miguel da Silva, resultantes de outras duas matrizes, uma que usou enquanto eleito de Viseu e outra como bispo desta diocese. Da primeira existem dois selos de chapa, de 1527 (cfr. SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa, “A Sé: D. Miguel da Silva, bispo de Viseu, 1526-1547”, in *Monumentos de Escrita. 400 anos da história da Sé e da cidade de Viseu, 1230-1639*, Viseu, IMC, 2008, pp. 71-74), e da segunda identificámos quatro selos circulares, gravados em cera vermelha e assentes em cocho de madeira, dos anos de 1530 (ADVIS, Pergaminhos Devolvidos, m. 5, nº 157), 1533, 1534 e 1537 (Arquivo da Universidade de Coimbra – Gaveta 28, nº 5, 19 e 23).

¹⁵ Cfr. BAUTIER, Robert-Henri, “Apparition, diffusion et évolution typologique du sceau épiscopal au Moyen Âge”, in HAIDACHER, Christoph e KÖFLER, Werner (eds.), *Die Diplomatie der Bischofsurkunde vor 1250. Referate zum VIII. Internationalen Kongress für Diplomatie*. Innsbruck: Tiroler Landesarchiv, 1995, pp. 232-233; BASCAPÉ, Giacomo C., *Sigillografia: il sigillo nella diplomazia, nel diritto, nella storia, nell'arte*, vols. 1 e 2, Milano: Giuffrè, 1969, pp. 74-75 e 30-31; JOHNS, Susan M., *Noblewomen, aristocracy and power in the twelfth-century anglo-norman realm*, Manchester, University Press, 2003, pp. 122-15; e DANBURY, Elisabeth, “Queens and powerful women: image and authority”, in ADAMS, Noël, CHERRY, John e ROBINSON, James (eds.), *Good impressions: image and authority in medieval seals*, London, The British Museum, 2008, pp. 17-24.

gradualmente preterido, durante a segunda metade de Duzentos, em favor de uma nova e mais complexa gramática imagética, de tipo gótico devocional, reveladora de uma outra sensibilidade espiritual e estética, que recorre na sua composição a elementos arquitectónicos, como nichos e baldaquinos, e à hierarquização de dois ou mais níveis de figuração, remetendo para um plano inferior a imagem do bispo e para os superiores a representação de cenas hagiográficas que, à semelhança do que ocorria no padrão mais antigo, tendem, entre nós, a não incluir qualquer elemento heráldico do sigilante, pelo menos na fase inicial de difusão deste novo modelo sigilográfico¹⁶.

O selo do arcebispo de Braga D. Martinho Pires de Oliveira, impresso na Cúria Romana, em 1298, corresponde precisamente a essa primeira formulação da imagética sigilar, mas já numa fase de transição para uma gramática totalmente gótica de cariz hagiográfico¹⁷. Embora este espécime identificado no *Archivo Histórico Nacional* não seja mais do que um fragmento da secção central do selo, permite-nos perceber que resulta da mesma matriz da qual se conhece uma impressão em bom estado, conservada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (cfr. *Figura 1*)¹⁸. Trata-se de um selo onde dois terços do campo ainda são preenchidos pela representação *stante* do prelado, em postura hierática e solene, vestido de pontifical e de mãos erguidas, exibindo os símbolos representativos do seu poder: a mitra, o báculo (seguro na mão esquerda) e o anel colocado



Fig. 1 – Selo do arcebispo de Braga D. Martinho Pires de Oliveira, de 1295 (imagem cedida pelo ANTT).

¹⁶ Cfr. BASCAPÉ, Giacomo C., *Sigillografia: il sigillo nella diplomatica...*, vol. 2, pp. 38-68; ROMANELLI, Francesca Cavazzana, “Il settimo sigillo: figure e simboli della sfragistica ecclesiastica”, in RICCI, Stephania (ed.), *Il sigillo nella storia e nella cultura*, Roma, Jouvence, 1985, pp. 151-153; BAUTIER, Robert-Henri, “Apparition, diffusion...”, pp. 225-241; FABRE, Martine, *Sceau médiéval: analyse d’une pratique culturelle*, Paris, L’Harmattan, 2001, pp. 134-154; DEMOUY, Patrick, “Les évêques et leur clergé”, in CHASSEL, Jean-Luc (dir.), *Sceaux et usages de sceaux. Images de la Champagne médiévale*, Paris, Somogy, 2003, pp. 67-74; e MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa, *A Sé de Coimbra. A instituição e a chancelaria...*, p. 649.

¹⁷ O arcebispo bracarense D. Martinho, então presente em Rieti, na cúria do papa Bonifácio VIII, validou com este selo uma carta apostólica de indulgências datada de 1298 (13 de Outubro, Rieti) e dirigida ao mosteiro galego de Santo Estêvão de Ribas de Sil (Ourense), documento que também preserva os selos dos prelados das dioceses italianas de Gubbio, Venafrò, Nepi e Sutri, e das dioceses ibéricas de Toledo, Oviedo e Mondoñedo, estes últimos hoje desaparecidos; AHN, Sellos, C. 100, n.º 4 (cfr. GUGLIERI NAVARRO, Araceli, *Catálogo de sellos...*, vol. 2: *Sellos Eclesiásticos*, p. 699, n.º 1632).

¹⁸ 1295 (4 de Agosto) – Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Sé de Coimbra, 2.ª inc., m. 86, n.º 3999. Este selo encontra-se reproduzido e descrito, embora com a data incorrecta, por TÁVORA, Luís de Lancastre e, *O estudo da sigilografia medieval portuguesa*, Lisboa, ICALP, 1983, p. 229, n.º 278.

na mão direita erguida, em sinal de bênção. O toque de modernidade revela-se na estrutura retabular gótica que envolve a figura do prelado, que introduz uma nova conotação de espacialidade já não indefinida; no espaço correspondente à secção superior do selo, é representada a Virgem sentada no trono com o Menino no colo. Nesta formulação, nitidamente de transição, em tudo semelhante à adoptada pelos bispos do Porto D. Vicente Mendes (1260-1296†) e D. Sancho Pires (1296-1300†)¹⁹, contemporâneos do arcebispo D. Martinho Pires de Oliveira, nenhuma representação heráldica é introduzida na composição do selo, neste caso rematado na orla com a legenda: + [S(igillum) : M]ARTINI : DEI : GRATI[A] / [ARCH]IEP(iscopu)I : BRACHAR[EN](sis)²⁰.

Em contraponto, apresenta-se o selo do bispo de Évora D. Fernando Martins (1297-1310/11†), também contemporâneo do arcebispo D. Martinho de Oliveira e dos dois bispos do Porto acima referidos, mas que adopta já, de uma forma clara, a gramática gótica dos modelos sigilares de carácter hagiográfico, mais modernos e complexos, difundidos pela Europa desde o início da segunda metade do século XIII, mas apenas introduzidos em Portugal a partir de 1279, através do clérigo francês e bispo de Coimbra D. Aimerico d'Ébrard (1279-1295†)²¹. Este exemplar de D. Fernando Martins identificado no acervo do *Arquivo Histórico Nacional* inscreve--se, assim, na lista dos primeiros selos episcopais deste género que apareceram em Portugal pela mão daquele prelado de Coimbra, no que foi seguido alguns anos depois pelos bispos D. Egas Viegas de Viseu (1288-1313†)²², D. João Martins de Soalhães de Lisboa (1294-1313), pelo próprio D. Fernando Martins de Évora e pelo seu homónimo D. Fernando de Coimbra (1302-1303†)²³, e ainda pelo

¹⁹ Conforme se pode observar pelos exemplares inventariados e reproduzidos por SILVA, Maria João Oliveira, *A escrita na catedral. A chancelaria episcopal do Porto na Idade Média: estudo diplomático e paleográfico*, Porto, FLUP, 2010, pp. 159-161.

²⁰ Legenda lida a partir do exemplar existente no ANTT; cfr. nota 18.

²¹ Cfr. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa, *A Sé de Coimbra. A instituição e a chancelaria...*, p. 140-154 e 649-653; idem, "La famille d'Ébrard et le clergé de Coimbra aux XIII^e et XIV^e siècles", in *A Igreja e o Clero Português no Contexto Europeu*, Lisboa, CEHR/UCP, 2005, pp. 77-91.

²² De que existem exemplares a partir de 1291; cfr. SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa, "Traditionalisme, régionalisme et innovation dans les chancelleries épiscopales portugaises au Moyen Âge: les cas de Lamego et Viseu", in KRESTEN, Otto et LACKNER, Franz (eds.), *Régionalisme et Internationalisme: Problèmes de Paléographie et de Codicologie du Moyen Âge. Actes du XV^e Colloque du Comité International de Paléographie Latine*, Wien, Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2008, pp. 308-309, nota 82.

²³ Cfr. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa, *A Sé de Coimbra. A instituição e a chancelaria...*, pp. 652-655. Em relação ao selo do bispo de Lisboa D. João Martins de Soalhães, veja-se o exemplar que se conhece em melhor estado de conservação, datado de 1304 (25 de Junho) e localizado no arquivo da casa dos Morgados de S. João da Madeira por CAMPO BELO, Conde de, *Dois selos medievais*, Porto, Imp. Moderna, 1938, pp. 6-7.

bispo do Porto D. Geraldo Domingues (1300-1307)²⁴.

Para reforçar o interesse e a singularidade desta impressão sigilar concorre ainda o facto de ser a única que até hoje se conhece de D. Fernando Martins²⁵, e de com ela ter validado aquele que cremos ser o documento mais antigo que dele nos chegou enquanto bispo de Évora, datado de Outubro de 1297, seis meses após o seu provimento no episcopado desta diocese²⁶. D. Fernando encontrava-se então na cúria pontifícia de Bonifácio VIII, para onde se terá deslocado a fim de receber do papa a respectiva sagração episcopal e cumprir junto da Câmara Apostólica as exigências processuais decorrentes da obtenção do seu novo cargo²⁷. Esta circunstância da sua presença no círculo papal no período imediato à sua nomeação permite-nos, por seu turno, avançar com a hipótese de esta matriz sigilar de D. Fernando Martins, demonstrativa da sua nova condição de bispo de Évora, ter sido comissionada entre os ourives e os fundidores-moldadores italianos ligados à corte pontifícia, como se depreende pela erudição catequética do tema devocional escolhido e pelo nível de execução plástica presente em toda a composição²⁸ (cfr. *Figura 2*). Com efeito, este exemplar único do selo de D. Fernando, bastante delido na bordadura e um pouco fragmentado na secção inferior, com 63 x 40 mm, exhibe a todo o espaço do campo uma estrutura retabular gótica seccionada em dois planos, onde se apresenta, no plano superior e de maior destaque, a primeira figuração do Calvário que se conhece na sigilografia

²⁴ O primeiro selo conhecido de D. Geraldo Domingues data de 1304 (27 de Junho); cfr. SILVA, Maria João Oliveira, *A escrita na catedral. A chancelaria episcopal do Porto...*, pp. 161-163.

²⁵ Sabemos que, antes de ascender ao episcopado de Évora, D. Fernando Martins fora tesoureiro do cabido eborense, já possuindo então selo próprio, hoje desaparecido, com o qual autenticou o seu primeiro testamento, em 1296 (20 de Fevereiro, Évora); cfr. *Testamenti Ecclesiae Portugaliae...*, pp. 477-479, doc. 3.1.

²⁶ Este documento de 5 de Outubro de 1297 corresponde a uma carta apostólica dirigida à igreja colegiada aragonesa do Santo Sepulcro de Calatayud, da província de Saragoça, que além do selo de D. Fernando Martins recebeu os de outros dignitários também presentes na cúria, nomeadamente o do arcebispo de Jerusalém e os dos bispos de Orvieto, Arezzo e de Avinhão – AHN, Sigil-Sellos, C. 77, nº 5; cfr. GUGLIERI NAVARRO, Araceli, *Catálogo de sellos...*, vol. 2: *Sellos Eclesiásticos*, nº 1659 e 1630-1631, 1654, 1660.

²⁷ A respeito da cronologia do seu episcopado e da sua nomeação papal, exarada a 5 de Abril de 1297, cfr. nota 7.

²⁸ Esta possibilidade de a matriz de D. Fernando Martins de Évora (1297-1310/11†) ter sido executada no contexto artístico de produção sigilar da cúria romana não é de todo singular no contexto português, pois tudo indica ter acontecido o mesmo, por exemplo, com as últimas matrizes utilizadas pelo bispo de Coimbra D. Egas Fafes (1247-1267) (cfr. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa, *A Sé de Coimbra. A instituição e a chancelaria...*, p. 644) e pelo bispo de Viseu D. Mateus Martins (1254-1268; 1279-1287†), identificadas pelos selos apostos em documentos de 1260 (10 de Junho) e 1283 (13 de Agosto) – ANTT, Mosteiro de S. Vicente de Fora, 1ª inc., m. 3, nº 39; Sé de Viseu, D.P, m. 9, nº 20. A propósito do processo de fabricação das matrizes dos selos e do entendimento deste ofício como uma arte visual preciosa que integra o imaginário de todas as artes da representação; cfr. PASTOUREAU, Michel, *Les sceaux*, Turnhout, Brepols, 1981, pp. 31-39; FABRE, Martine, *Sceau médiéval: analyse d'une pratique culturelle...*, pp. 52-56; LIEZ, Jean-Luc, "L'art du sceau au Moyen Âge", in CHASSEL, Jean-Luc (dir.), *Sceaux et usages de sceaux...*, pp. 31-35; e DEMAY, Germain, *Le costume au Moyen Age d'après les sceaux*, Paris, Librairie de D. Dumoulin, 1880, pp. 68-72.



Fig. 2 – Selo do bispo de Évora D. Fernando Martins, de 1297 (imagem cedida pelo AHN).

a prometida Jerusalém Celeste³¹. A legenda deste selo infelizmente já não se conserva e, tal como se verifica nos espécimes sigilares episcopais portugueses desta fase inicial de introdução do modelo de tipo gótico devocional, nenhum emblema armoriado integrou a gramática imagética escolhida por D. Fernando Martins para a sua matriz sigilar, símbolo maior da sua personalidade e da sua autoridade socio-jurídica³². Daí

episcopal medieval portuguesa²⁹. Nela é evidente o cuidado aplicado na gravação da matriz e a qualidade plástica da cena da crucificação, expressa na postura e na indumentária “à romana” das figuras de Maria e de João que ladeiam Cristo na cruz, encimada por uma estrela de seis raios (sol) e pelo crescente de lua, símbolos marianos da castidade e do nascimento, que, neste contexto da paixão de Cristo, significam as trevas (lua) que se abateram durante o dia (sol) aquando da morte do Salvador³⁰. Abaixo, e em plano inferior, apresenta-se, por fim, o prelado com a mitra vestido de pontifical, ajoelhado em veneração à cena acima representada, fechada no topo por um conjunto de estruturas góticas, figurando

²⁹ Além desta representação do Calvário apenas se conhece uma outra, já de meados do século XV, patente no selo de D. Luís Coutinho, bispo de Coimbra, de 1448 (8 de Abril) – ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., m. 67, nº 2484; cfr. TÁVORA, Luís de Lancastre e, *O estudo da sigilografia ...*, pp. 307-308, nº 447; e *Aux confins du Moyen-Âge: art portugais, XII^e-XV^e siècle*, [s.l.], Fondation Europalia Internationale, [D.L.1991], p. 208. O tema do Calvário, que sabemos ter sido raro no contexto sigilográfico português, teve as suas primeiras representações precisamente nos selos de alguns cardeais deste período, talvez por influência da pastoral franciscana, como atestam as impressões sigilares de Hugh de Evesham (1282), Matteo d'Acquasparta (1294) e de Teodorico Ranieri (1300); o que reforça a nossa hipótese da origem romana do selo de D. Fernando Martins; cfr. GARDNER, Julian, “Curial narratives: the seals of cardinal deacons 1280-1305, in ADAMS, Noël, CHERRY, John e ROBINSON, James (ed.), *Good impressions...*, pp. 85-90; e BASCAPÉ, Giacomo C., *Sigillografia: il sigillo nella diplomatica...*, vol. 2, pp. 65-66.

³⁰ Como nos descrevem os Evangelistas Marcos (15:33), Mateus (27:45) e Lucas (23:44-5).

³¹ Cfr. KURMANN, Peter, “L'allégorie de la Jérusalem céleste et le dessin architectural à l'époque du gothique rayonnant”, in HECK, Christian (ed.), *L'allégorie dans l'art du Moyen Âge. Formes et fonctions. Héritages, créations, mutations*, Louvain-la-Neuve, Brepols, 2011, pp. 67-77.

³² Sobre a função social, jurídica e validatória do selo e a sua importante componente simbólica identitária, cfr. BEDOS-REZAK, Brigitte, *When ego was imago: signs of identity in the Middle Ages*, Leiden, Brill, 2011, pp. 26-31, 231-252; PASTOUREAU, Michel, “Les sceaux et la fonction sociale des images”, *Cahiers du Léopard d'Or*, 5, 1996, pp. 275-308; CHASSEL, Jean-Luc, “Forme et fonctions des inscriptions sigillaires”, in HECK, Christian (ed.),

não nos devermos surpreender com o facto de a heráldica deste prelado, distintiva da sua identidade social e linhagística, também não constar da codificação figurativa eleita para outra não menos importante representação emblemática da sua pessoa, o seu jacente tumular³³.

Para melhor compreendermos esta ausência de elementos heráldicos, mormente nas representações sigilares eclesiásticas portuguesas de finais do século XIII e de inícios do século XIV, não podemos deixar de ter em conta que, tal como encontramos neste período a coexistência de duas formulações estéticas e simbólicas na composição das matrizes episcopais, pelo facto de o modelo de tipo gótico e hagiográfico ter sido aqui introduzido mais tardiamente do que no resto da Europa (como nos mostram os selos do arcebispo D. Martinho Pires de Oliveira e do bispo D. Fernando Martins), o mesmo julgamos ter também acontecido em relação ao processo de adopção dos escudos de armas por parte do clero português. Na verdade, enquanto na sociedade europeia dos finais do século XII e das primeiras três décadas do século XIII a nobreza e boa parte da sociedade não nobre, incluindo o clero e, nele, sobretudo o episcopado, já utilizavam em pleno o escudo de armas como sistema de identificação³⁴, em Portugal a nobreza senhorial, a hierarquia eclesiástica e a mais abastada burguesia urbana adoptaram a emblemática heráldica como mecanismo de afirmação da sua identidade individual e de grupo mais tarde e de forma mais lenta, a ponto de a adesão a esta prática apenas se poder considerar generalizada no decurso do século XIV³⁵.

Qu'est-ce que nommer? L'image légendée entre monde monastique et pensée scolastique, Turnhout, Brepols, 2010, pp. 201-217; e FABRE, Martine, *Sceau médiéval: analyse d'une pratique culturelle...*, pp. 171-178.

³³ Sobre o jacente de D. Fernando Martins, inicialmente colocado na capela-mor da Sé de Évora e hoje pertencente ao acervo do Museu de Évora, cfr. BARROCA, Mário Jorge, *Epigrafia medieval portuguesa (862-1422)*, vol. II, tomo 1, Lisboa, FCG-FCT, 2000, p. 1032; CARVALHO, Maria João Vilhena de, "Jacente de Dom Fernando Martins, bispo de Évora," in *O sentido das imagens: escultura e arte em Portugal (1300-1500). Catálogo da exposição*, [Lisboa], IPM, [2000], pp. 236-237; e LOURO, Henrique da Silva, "Sepulturas da Sé de Évora dos séculos XIII a XV," *A Cidade de Évora*, 48-50 (1965-1967), p. 68.

³⁴ Cfr. PASTOUREAU, Michel, "El nacimiento de los escudos de armas. De la identidad individual a la identidad familiar," in *Una historia simbólica de la Edad Media occidental*, Buenos Aires, Katz Editores, 2006, pp. 243-251; BEDOS-REZAK, Brigitte, "L'apparition des armoiries sur les sceaux en Île-de-France et en Picardie (v. 1130-1230)," in *Form and order in medieval France*, Aldershot, Variorum Reprints, 1993, pp. 23-41; e DARNA GALOBART, Leticia, "Una aproximación a la heráldica civil y eclesiástica en el burgo de la Corona de Aragón (s. XII-XVIII)," in CLARAMUNT RODRÍGUEZ, Salvador (coord.) *El món urbà a la Corona d'Aragó del 1137 als decrets de Nova Planta. XVII Congrés d'Història de la Corona d'Aragó, [Actes]*, vol. 2. Barcelona, 2003, pp. 573-582.

³⁵ Data, precisamente, dos inícios do século XIV o primeiro selo episcopal português a apresentar a emblemática heráldica na sua composição, que pertenceu a D. Estêvão Eanes Brochardo, bispo de Coimbra (1303-1318†); cfr. MORUJÃO, Maria do Rosário; SARAIVA, Anísio Miguel; SEIXAS, Miguel Metelo de, "L'héraldique dans les sceaux du clergé séculier portugais (XIII^e-XV^e siècles)," in LOSKOUTOFF, Yvan (ed.), *Héraldique et Numismatique, Moyen Âge - Temps Modernes II*, Le Havre, Presses des Universités de Rouen et du Havre, 2012 (no prelo). No entanto, este selo parece ter constituído um caso excepcional, pois será preciso esperar quase vinte anos para voltarmos a encontrar esse tipo de emblemática em selos episcopais, mais precisamente nos selos dos



Fig. 3 – Selo do arcediogo de Viseu Pedro Sánchez de Montalbán, de 1328 (imagem cedida pelo AHN, 88, nº 1)

A forma tardia e gradual como decorreu o processo de difusão da heráldica entre a elite do clero secular português ajuda-nos, portanto, a explicar o facto de encontrarmos ainda, durante a primeira metade do século XIV, selos episcopais sem este tipo de representação identitária³⁶, tal como, aliás, acontece nas matrizes sigilares das dignidades e dos clérigos catedralícios deste período³⁷. Disso mesmo é exemplo o selo do arcediogo da Sé de Viseu Pedro Sánchez de Montalbán, agora identificado no acervo sigilográfico do *Archivo Histórico Nacional* e que constitui o único exemplar que até hoje se conhece referente a este clérigo (cfr. *Figura 3*)³⁸. Impresso em Santiago de Compostela, em Julho de 1328, como meio de autenticação de um recibo de

pagamento, este espécime, em forma de dupla ogiva, com 53 x 33 mm e em razoável

bispos D. Gonçalo Pereira e D. Pedro Martínez conservados no *Archivo Histórico Nacional* e que fazem parte do conjunto objecto deste presente estudo.

³⁶ Além do caso já analisado do selo do bispo de Évora D. Fernando Martins, vejamos também os exemplos não heráldicos dos selos de D. Fernando, bispo de Coimbra (1302-1303†); D. Vasco Martins de Alvelos, bispo da Guarda (1302-1313†) – ANTT, *Ordem de Santiago*, D.P., m. 1, nº 14; D. Geraldo Domingues, bispo de Évora (1313-1321†) e D. Frei Estêvão, bispo de Lisboa (1314-1317) – ANTT, *Gavetas XII*, m. 5, nº 1; D. Raimundo d'Ébrard I, bispo de Coimbra (1319-1324†) – ANTT, *Sé de Coimbra*, 2ª inc., m. 46, nº 1820; D. Raimundo d'Ébrard II, bispo de Coimbra (1325-1333†) – ANTT, *Sé de Coimbra*, 2ª inc., m. 64, nº 2362; e do franciscano D. Frei Salvado Martins, bispo de Lamego (1331-1349†); para o primeiro e para este último selos, cfr. respectivamente MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa, *A Sé de Coimbra. A instituição e a chancelaria...*, p. 654-655; e SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa, *A Sé de Lamego...*, pp. 388 e 693.

³⁷ Entre as impressões sigilares de dignidades e de clérigos catedralícios da segunda metade do século XIII, já aparecem alguns poucos exemplares que incluem elementos que podemos chamar de protoheráldicos. Porém, os primeiros onde claramente se incluem os escudos de armas dos sigilantes datam apenas de 1292 (selo de Fernão Soares, deão de Coimbra), de 1297 (selo de Vicente Domingues, chantre do Porto) e de 1310 (selo de Francisco Domingues, chantre de Lamego) – ANTT, *Sé de Coimbra*, 2ª inc., m. 86, nº 3989; Mosteiro de S. Salvador de Moreira, m. 9, nº 51; e Mosteiro de Santa Maria de Arouca, gav. 2, m. 3, nº 2, respectivamente; cfr. MORUJÃO, Maria do Rosário; SARAIVA, Anísio Miguel; SEIXAS, Miguel Metelo de, “L'héraldique dans les sceaux du clergé séculier portugais” (no prelo).

³⁸ O arcediogo de Viseu Pedro Sánchez de Montalbán, no exercício das suas funções delegadas de juiz apostólico numa questão contra a Ordem Militar de Santiago em Portugal, validou com este seu selo um documento de pagamento de 80 dobras de ouro, em 1328 (28 de Julho, Santiago) – AHN, *Sigil-Sellos*, C. 88, nº 1; cfr. GUGLIERI NAVARRO, Araceli, *Catálogo de sellos...*, tomo 3: *Órdenes militares, corporaciones, particulares, varios...*, pp. 231-232, nº 2228; sublinhe-se que neste catálogo apenas se identifica o sigilante como “Pedro Sánchez, juiz”, não associando a sua identidade ao cargo que então ocupava de arcediogo da Sé de Viseu. Sobre o percurso e a sua carreira eclesiástica; cfr. nota 11.

estado de conservação, apesar de quebrado na parte esquerda da bordadura, segue em rigor o modelo sigilar de tipo gótico devocional, que nesta data já podemos considerar comum entre os selos do nosso clero catedralício³⁹. O campo desta matriz apresenta-se, assim, ocupado pela habitual estrutura retabular gótica, dividida em dois planos, sendo o superior e de maior dimensão preenchido com a imagem da Virgem com o Menino no colo, representada a três quartos, e o inferior com a figura do arcediogo *stante* e em perfil sob um arco trilobado, com as mãos justapostas em devoção, dirigidas à imagem da Virgem acima representada. Esta composição, que, como já referimos, não inclui qualquer elemento heráldico do sigilante, é ainda coroada na secção superior por três elementos arquitectónicos góticos, que neste contexto julgamos possuir uma função meramente decorativa, e ladeada na bordadura pela legenda hoje parcialmente ilegível: + S(igillum) : PETRI : SANCII : ARC/HIDIAC[ONI : ...].

3. Os selos armoriados

Completam este elenco dos selos eclesiásticos medievais portugueses conservados no *Archivo Histórico Nacional* de Espanha outros dois importantes exemplares esfragísticos pertencentes ao famoso bispo de Lisboa D. Gonçalo Pereira, avô do santo condestável D. Nuno Álvares Pereira⁴⁰, e ao até agora pouco conhecido bispo de Évora, de origem castelhana, D. Pedro Martínez Argote⁴¹. Apostos num

³⁹ A título de exemplo, vejamos os selos de Egas Lourenço Magro, deão de Lisboa, de 1304 (ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., m. 22, nº 960); de Mestre Pedro Eanes, cónego de Braga e Lisboa, e de Estêvão Gomes, arcediogo de Coimbra, ambos de 1307 (ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., m. 61, nº 2273); de João de Alprão, deão de Viseu, de 1308 (ANTT, Mosteiro de Santa Clara de Santarém, m. 22, nº 40); de Francisco Domingues, chantre de Lamego, de 1310 (cfr. SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa, *A Sé de Lamego...*, pp. 217-221 e 389); de João Martins, chantre de Évora, e de Francisco Domingues, prior da Alcáçova de Santarém e cónego de Lisboa, ambos de [1314-1317] – ANTT, Gavetas XII, m. 5, nº 1; de Guilherme de Bos, cónego de Braga, de 1330 (Biblioteca Nacional de Portugal, Pergaminhos, nº 55P); de Estêvão Domingues, cónego de Lamego, de 1360 (ANTT, Colegiada de Guimarães, D.E., m. 3, nº 29A); e de João Eanes, deão de Viseu, de 1365 (ANTT, Mosteiro de Santa Maria de Aguiar, m. 1, nº 18).

⁴⁰ Sobre o percurso eclesiástico de D. Gonçalo Pereira, a sua figura e o seu papel incontornável no contexto social, político, eclesiástico e diplomático de Portugal da primeira metade do século XIV, cfr. as referências indicadas na nota 9 e COELHO, Maria Helena da Cruz, “O arcebispo D. Gonçalo Pereira: um querer, um agir”, in *IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga. Actas do Congresso Internacional*, vol. II/1, Braga, Universidade Católica Portuguesa, 1990, pp. 389-462.

⁴¹ D. Pedro Martínez, membro da linhagem dos Argote, foi capelão de Sancho IV de Leão e Castela, arcediogo de Huete e deão de Cuenca, pelo menos entre 1314 e 1322. Neste último ano foi eleito para a cátedra dessa diocese castelhana, à qual renunciou em favor do português D. Frei Estêvão, entretanto transferido da Sé de Lisboa para Cuenca, por iniciativa papal e a pedido de D. Dinis, no contexto da guerra civil entre o rei e o infante D. Afonso e do diferendo que Frei Estêvão mantinha com o monarca e o próprio cabido lisboeta. Em 1322, na sequência deste jogo político de nomeações e transferências episcopais, imposto pelo conflito entre o rei e o infante, o papa João XXII promovia a bispo de Lisboa D. Gonçalo Pereira, até aí deão do Porto e clérigo afecto a D. Dinis, e a bispo de Évora D. Pedro Martínez, eleito de Cuenca e antigo capelão do pai de D. Beatriz, esposa do infante D. Afonso, futuro D. Afonso IV. Com a promoção de D. Pedro Martínez à cátedra de Évora, onde pontificou

documento datado de 1322, estes dois selos (cfr. *Figuras 4 e 5*) comungam já de uma linguagem estética e emblemática mais actualizada, a ponto de serem os primeiros entre nós a associar a plástica gótica e a piedade devocional à figuração do escudo de armas dos sigilantes, marcando assim o início do uso efectivo da heráldica na esfera do nosso clero secular⁴². Embora ainda não tenhamos reunido dados suficientes e objectivos, pensamos que este processo introdutório tenha sido liderado precisamente por algumas das mais destacadas figuras da hierarquia da Igreja nacional da primeira metade de Trezentos, também elas protagonistas de uma nova atitude cultural e sócio-política de exaltação do poder da individualidade eclesiástica, simbolicamente representada, neste caso, pela inclusão dos sinais de identidade nas respectivas matrizes sigilares, como, aliás, já era comum na sigilografia episcopal europeia desde os finais do século XIII. A estes dois espécimes soma-se, por último, o selo do arcebispo de Lisboa D. Afonso Pires Nogueira⁴³, impresso em 1461 (cfr. *Figura 6*), também ele um claro exemplo de um selo armoriado, mas credor de uma outra formulação, ainda mais moderna, já plenamente heráldica que se impôs durante o século XV, onde este sistema de codificação identitária acaba por assumir um completo protagonismo face aos demais elementos emblemáticos presentes nas representações sigilares episcopais.

Atendendo ao nosso interesse pela relação entre a sigilografia e a heráldica eclesiásticas medievais, e tomando em conta o que temos vindo a referir a propósito das especificidades do contexto nacional, estes três exemplares revelam-nos características materiais e psicossociais únicas, que importa esclarecer e contextualizar, não só do ponto de vista do formalismo diplomático, mas sobretudo do formalismo sigilar. Na verdade, estes selos de tipo hagiográfico e heráldico, para serem verdadeiramente compreendidos, devem ser olhados como um sistema

até 1340†, terminou o período de vacância resultante do assassinato do bispo D. Geraldo Domingues pelos partidários do infante. Apesar da nomeação episcopal de D. Pedro ter ocorrido em 1322, o clima de guerra civil em Portugal talvez tenha feito com que este novo prelado eborense se mantivesse em Castela e em Cuenca, onde ainda o encontramos a arbitrar uma questão em 1323 (1 de Junho), e onde possuía um considerável património fundiário; cfr. nota 10 e DÍAZ IBÁÑEZ, Jorge, *La iglesia de Cuenca en la Edad Media (siglos XII-XV): estructura y relaciones de poder*, Madrid, Universidad Complutense, 1996, pp. 150-151 e 1067; idem, "El poder episcopal en la diócesis de Cuenca durante la Edad Media", *Espacio, Tiempo y Forma*, 9 (1996), pp. 43-44; e SALAMANCA LÓPEZ, Manuel Joaquín; CHACÓN GÓMEZ-MONEDERO, Francisco Antonio e CANOREA, Julián, *Catálogo de la Sección Institucional del Archivo de la Catedral de Cuenca. I. Siglos XII-XIV*, Cuenca, Madrid, Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha: Servicio de Publicaciones de la Universidad Autónoma de Madrid, 2008, docs. 282, 294, 332, 381, 398, 434, 442, 443, 464 e 489.

⁴² Como acima dissemos, encontramos um primeiro caso em 1304 (cfr. nota 35), mas que não só parece não ter tido continuidade, como se tratava de um selo de tipologia mais tradicional, apresentando o bispo *stante* sem nenhum outro elemento imagético, à excepção do pequeno escudo que figura à dextra do prelado.

⁴³ D. Afonso Pires Nogueira foi arcebispo de Lisboa de 1459 até à sua morte, ocorrida em 1464; cfr. nota 71 a 74.



Fig. 4 – Selo do bispo de Lisboa D. Gonçalo Pereira, de 1322 (imagem cedida pelo AHN).



Fig. 5 – Selo do bispo de Évora D. Pedro Martínez Argote, de 1322 (imagem cedida pelo AHN).



Fig. 6 – Selo do arcebispo de Lisboa D. Afonso Pires Nogueira, de 1461 (imagem cedida pelo AHN).

complexo de formas codificadas que já exprime uma personalidade e se estrutura em múltiplos níveis de leitura, onde a configuração da imagem, a forma do objecto e o seu modelo, ou seja, aquilo a que poderemos chamar de parábola sigilar, apesar de versátil, não se opõe à sua inalterável função diplomática⁴⁴.

3.1. Os selos de D. Gonçalo Pereira e de D. Pedro Martínez Argote (1322)

Os selos de D. Gonçalo Pereira e de D. Pedro Martínez Argote encontram-se apostos, juntamente com muitos outros, a uma carta de indulgências concedida à igreja aragonesa de S. Marcos de Calatayud, redigida em Valladolid, em Maio de 1322⁴⁵. O notável espécime sigilar de D. Gonçalo Pereira, enquanto bispo de Lisboa, impresso em cera vermelha sobre cocho de cera virgem, com a forma de dupla ogiva e medindo 69 x 41 mm, apresenta-se em muito bom estado de conservação, mostrando apenas algum desgaste provocado pelo uso e a parte do rebordo do cocho algo danificada, tendo sido gravado com a primeira matriz que conhecemos desta proeminente figura do episcopado português da primeira metade do século XIV, constituindo a melhor impressão sigilar que dela sobreviveu, a ponto de nos permitir a leitura integral da sua legenda: S(igillum) : GONSALVI : MIS(er)ACIO(n)E : DIVINA : ULIXBONEN(sis) : EP(iscop)I⁴⁶.

Não menos importante, o selo do bispo de Évora D. Pedro Martínez Argote foi também impresso sobre uma camada de cera vermelha vertida sobre uma base de cor natural. Com idêntica forma de dupla ogiva e dimensões pouco inferiores

⁴⁴ Cfr. BEDOS-REZAK, Brigitte, "The bishop makes an impression: seals, authority and episcopal identity", in GILSDORF, Sean (ed.), *The bishop: power and piety at the first millennium*, Münster, LIT Verlag, 2004, pp. 137-154; e FABRE, Martine, *Sceau médiéval: analyse d'une pratique culturelle...*, pp. 132-134.

⁴⁵ Trata-se de um documento redigido a 22 de Maio de 1322, em Valladolid (diocese de Palência), pelo qual vários prelados, entretanto aí reunidos para a realização do concílio legatino, concederam indulgências a quem visitasse ou ajudasse a obra da igreja e convento de S. Marcos de Calatayud, na província de Saragoça. Foi autenticado com um total de trinta selos episcopais, da maior parte dos quais apenas restam as respectivas suspensões; dos ainda existentes referenciam-se como pertencentes a prelados portugueses o de D. Gonçalo Pereira e o de D. Pedro Martínez Argote – AHN, Sigil-Sellos, C. 81, nº 1; cfr. GUGLIERI NAVARRO, Araceli, *Catálogo de sellos...*, vol. 2: *Sellos Eclesiásticos*, nº 1692 e 1693.

⁴⁶ Além deste selo existente na colecção sigilográfica do AHN, conhecemos outros dois exemplares, mas em muito mau estado de conservação. O primeiro, apenso a um documento de 1323 (6 de Julho, Lisboa), apresenta-se fragmentado em quatro partes, presas ainda à suspensão – Arquivo Distrital de Braga (ADB), Colecção Cronológica, nº 366; o segundo, de 1324 (7 de Maio, Braga), consiste num simples fragmento referente ao tempo em que D. Gonçalo Pereira, além de bispo de Lisboa, já era coadjutor do arcebispo de Braga D. João Martins de Soalhães; apesar de ser um fragmento, uma análise mais atenta permitiu-nos concluir corresponder à mesma matriz usada por D. Gonçalo como bispo de Lisboa – ADB, Colecção Cronológica, nº 384. A notícia sobre a existência destes dois exemplares foi colhida no trabalho de AZEVEDO, Francisco de Simas Alves de, "Alguns aspectos da heráldica arquiépiscopal bracarense nos séculos XIV-XX", in *Colóquio Galaico-minhoto*, 1ª, vol. 1, Ponte de Lima, 1981, pp. 249-253; no entanto, dada a ausência de referências precisas quanto à sua localização no Arquivo Distrital de Braga, foram preciosas as informações prestadas pela Dra. Ana Sandra Meneses, desse Arquivo, relativas a estes e a outros selos nele conservados, motivo pelo qual lhe manifestamos o nosso agradecimento.

(65 x 41 mm) às do selo de D. Gonçalo, encontra-se, porém, algo delido e quebrado e tem a primeira parte da legenda totalmente destruída, o que não nos impede, no entanto, de a reconstituir com alguma certeza: [SIGILLUM : PETRI MAR-] TINI : EP(iscop)I : ELBORENS(is). O campo, pelo contrário, encontra-se muito bem conservado, o que torna ainda mais extraordinário este exemplar, dado que até agora apenas conhecíamos uma outra impressão, mais tardia, deste selo, proveniente do Arquivo da Catedral de Cuenca, que, pelo mau estado em que se encontra, não nos oferecia qualquer possibilidade de leitura⁴⁷.

De acordo com o modelo sigilar de tipo gótico devocional a que pertencem estes dois espécimes – distinguidos pela particularidade de neles vermos associada, pela primeira vez em Portugal, a emblemática catequética e devocional à representação heráldica das armas dos respectivos titulares, como já referimos mas não é demais salientar – encontramos os campos repartidos em vários planos de representação, hierarquicamente organizados e cuidadosamente gravados com um admirável nível de execução plástica. No caso do selo de D. Pedro Martínez Argote, o plano superior, que ocupa cerca de dois terços do espaço disponível, é formado por uma composição retabular gótica com fundo em relevo e encimada por uma cruz, onde aparece a Virgem, sentada no trono, com o Menino no colo, estando ambos a ser incensados por um anjo descido do céu. No plano inferior, saindo do campo para a orla e, deste modo, interrompendo a legenda, surge, sob um arco trilobado, a figura perfilada à dextra do bispo, mitrado e ajoelhado em oração (cfr. *Figura 7*), enquanto que acima do arco se representa, de cada um dos lados, um escudo com a cruz veirada das armas dos Argote, tal como as encontramos figuradas no topo inferior do jacente tumular deste prelado, que ainda hoje se conserva na capela funerária projectada no contexto da construção do claustro gótico que promoveu



Fig. 7 – Pormenor do selo do bispo de Évora D. Pedro Martínez Argote, de 1322 (imagem cedida pelo AHN).

⁴⁷ Este outro exemplar, partido e desgastado, autentica uma carta de 1335 (1 de Janeiro, Évora), dirigida por D. Pedro Martínez ao seu criado e cónego de Cuenca, Lopo Álvarez, sobre os bens que o bispo possuía nesta diocese castelhana, entre os quais se incluía o hospital que nela mandara construir – Archivo de la Catedral de Cuenca, I, caja 17, nº 21; cfr. CHACÓN GÓMEZ-MONEDERO, Francisco Antonio; SALAMANCA LÓPEZ, Manuel Joaquín, *Documentos medievales de la Catedral de Cuenca: 1182-1399* [Documento electrónico], [Cuenca], Asociación Seminario de Cultura Lope de Barrientos, 2009, doc. n.º 434.

e financiou na Sé de Évora⁴⁸. Entre aqueles dois escudos e sobre o arco, reconhece-se ainda o que parece ser um outro pequeno escudo enxaquetado, incompleto e, infelizmente, difícil de identificar. Também do ponto de vista do formalismo sigilar e heráldico, este selo, de clara temática mariana, apesar de contemporâneo do de D. Gonçalo Pereira, distingue-se deste por já apresentar as armas inseridas dentro de escudos; e antecipa-se, por recorrer a dois escudos e não a um só, à cronologia da evolução dos selos episcopais com elementos armoriados a que mais à frente faremos referência⁴⁹.

Detendo-nos na cena central do selo do bispo de Lisboa D. Gonçalo Pereira (cfr. *Figura 8*), verificamos que esta ocupa dois terços do campo e que a sua composição se organiza sobre um fundo em relevo marcado por pequeníssimos losangos, no centro da qual, e em grande destaque, se representa a imagem nimbada de um santo, cuja identidade é simbolicamente revelada quer pela presença de dois corvos aos seus pés, um de cada lado, quer pela legenda em capitais que ladeia a figura: S(an)C(tu)S VICE(ncius). Este pormenor, singular de utilização de texto escrito no campo do selo, e não exclusivamente na legenda que o circunda, constitui um



Fig. 8 – Pormenor do selo do bispo de Lisboa D. Gonçalo Pereira, de 1322 (imagem cedida pelo AHN).

caso pouco comum no panorama sigilográfico português e tem decerto influência do exemplo da bula papal, em cujo anverso as efígies dos apóstolos S. Pedro e S. Paulo são precisamente entificadas por inscrições⁵⁰.

Entre as imagens dos corvos e a legenda, e de cada lado da figura de S. Vicente, uma cruz vazada e floreada associa à iconografia vicentina lisboeta o emblema heráldico dos Pereira⁵¹. Efectivamente, a cruz descrita, de

⁴⁸ Sobre o espaço funerário de D. Pedro Martínez, em particular a sua arca tumular e o escudo de armas dos Argote, cfr. GARCÍA CARRAFFA, Alberto, *Enciclopedia heráldica y genealógica hispano-americana*, vol. 9, Madrid, Imp. de Antonio Marzo; Salamanca, Imp. Comercial Salamantina, 1922, pp. 75-90; CHICÓ, Mário Tavares, *A arquitectura gótica em Portugal*, 4ª ed., Lisboa, Livros Horizonte, 2005, p. 121; FRANCISCO, Erede Lopes, "O bispo D. Pedro II e o «modo gótico» em Évora de 1322 a 1340", *VIPASCA*, 1 (2006), pp. 73-74; e CORREIA, Virgílio, *Três túmulos*, Lisboa, Portugalia, 1924, pp. 35 e 71.

⁴⁹ Cfr. notas 55 e 56.

⁵⁰ Acerca da prática pouco comum de utilização de inscrições ou de divisas para identificar figuras representadas nos selos, vejam-se os trabalhos de CHASSEL, Jean-Luc, "Formes et fonctions des inscriptions...", pp. 201-217; e HABLOT, Laurent, "Emblématique et discours allégorique à la fin du Moyen Âge", in HECK, Christian (ed.), *L'allégorie dans l'art du Moyen Âge...*, pp. 307-319.

⁵¹ Sobre as armas dos Pereira, a sua origem e relação com a Ordem do Hospital, veja-se o mais recente trabalho a seu respeito, de SEIXAS, Miguel Metelo de e GALVÃO-TELLES, João Bernardo, "O condestável D. Nuni Álvares

vermelho sobre prata, tal como se pode ver representada na capela funerária que D. Gonçalo mandou edificar na Sé de Braga, constitui a armaria adoptada pelos Pereira, certamente inspirada na cruz da Ordem do Hospital, a que esta família esteve muito ligada, tendo o filho deste notável bispo de Lisboa e futuro arcebispo bracarense sido seu mestre⁵². A cruz dos Pereira, porém, não surge incorporada num escudo, como vimos acontecer no selo de D. Pedro Martínez; tal apenas virá a suceder na imagética sigilar que D. Gonçalo Pereira veio a adoptar ao tornar-se arcebispo de Braga (cfr. *Figura 9*)⁵³, o que nos demonstra, uma vez mais, como a primeira metade do século XIV em que as suas duas matrizes foram produzidas constitui ainda um momento de integração da heráldica nos selos episcopais portugueses, num processo que apenas se encontrará concluído pela segunda metade desse mesmo século⁵⁴.

No entanto, se o selo arquiépiscopal de D. Gonçalo Pereira apresenta as armas integradas em escudos de tipo francês, e nesse sentido constitui uma evolução no plano heráldico, elas encontram-se, aí, no nível inferior da representação, flanqueando o arcebispo orante, enquanto este seu selo como bispo de Lisboa as integra no principal plano figurativo, junto à própria imagem de S. Vicente, santo padroeiro da cidade e da diocese de Lisboa, onde aparecem, portanto, num lugar de completo destaque, também conferido pela escala das suas próprias dimensões.

Ainda a reiterar o enorme interesse que estes selos de D. Gonçalo Pereira oferecem



Fig. 9 – Selo do arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira, [1326-1348] (imagem cedida pelo ADB).

e as armas dos Pereiras revisitadas”, in *Olhares de hoje sobre uma vida de ontem. Nuno Álvares Pereira: homem, herói e santo*, Lisboa, Universidade Lusíada/Ordem do Carmo, 2009, pp. 205-216.

⁵² Referimo-nos, naturalmente, a D. Álvaro Gonçalves Pereira, prior do Hospital, pai do Santo D. Nuno Álvares Pereira; cfr. SEIXAS, Miguel Metelo de e GALVÃO-TELLES, João Bernardo, “O condestável D. Nun’Álvares...”, pp. 207-208.

⁵³ Os dois melhores exemplares do selo de D. Gonçalo Pereira, como arcebispo de Braga, que até ao momento identificámos encontram-se no Arquivo Distrital de Braga; um data de 1326 (16 de Novembro, Santo Estêvão de Chaves) – ADB, Colecção Cronológica, nº 452 (selo em mau estado, com a camada superior de cera negra a soltar-se, não permitindo uma visão clara da impressão); e outro está avulso e parcialmente quebrado, desconhecendo-se o documento de origem – ADB, Colecção de Selos Soltos, s/n; já descrito por TÁVORA, Luís de Lancastre e, *O estudo da sigilografia...*, p. 133, nº 68, sem contudo indicar a sua proveniência ou localização arquivística.

⁵⁴ Cfr. SEIXAS, Miguel Metelo de, “Heráldica eclesiástica na porcelana oriental de importação portuguesa...”, p. 428; e, sobretudo, MORUJÃO, Maria do Rosário; SARAIVA, Anísio Miguel; SEIXAS, Miguel Metelo de, “L’héraldique dans les sceaux du clergé séculier portugais...” (no prelo).

do ponto de vista armorial, concorre o facto de ambos apresentarem os escudos de armas duplicados, tal como verificámos no selo de D. Pedro Martínez, isto numa fase em que, já o dissemos, a formulação mais comum entre nós consistia na sua representação uma única vez⁵⁵. Esta precocidade na duplicação armorial indicia, certamente, o conhecimento das práticas sigilares seguidas noutros reinos ibéricos e na França do papado de Avinhão, onde, por exemplo, logo no início do século XIV estão identificados selos com as armas dos prelados duas vezes representadas⁵⁶.

A completar a leitura figurativa desta cena central do selo de D. Gonçalo Pereira (cfr. *Figura 8*), devemos referir a inclusão de um derradeiro elemento: as vieiras colocadas sob os corvos, emblema do Apóstolo S. Tiago, que podemos entender como um indicador a considerar no quadro devocional de D. Gonçalo Pereira, senão mesmo uma provável insígnia probatória da sua peregrinação junto às relíquias deste santo, apresentada desta forma metafórica, servindo de apoio aos corvos de S. Vicente. O que entendemos como uma possível manifestação, também ela alegórica, de afirmação da supremacia do culto de S. Vicente no espaço nacional e peninsular face à hegemonia de Compostela, ainda antes do reinado de D. Afonso IV e do grande impulso dado por esse monarca à promoção do culto deste santo mártir, materializada na campanha de obras empreendidas na cabeceira da catedral de Lisboa, local de deposição e veneração das relíquias vicentinas e

⁵⁵ Cfr. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa; SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; SEIXAS, Miguel Metelo de, "L'héraldique dans les sceaux du clergé séculier portugais..." (no prelo), onde se define uma periodização dos selos episcopais com elementos de heráldica, cujas principais características são: 1º período (finais do século XIII a meados do século XIV) – um único escudo simples, presumivelmente de heráldica de família, desprovido de ornamentos exteriores; heráldica subordinada a outros elementos iconográficos, com presença relativamente fraca. 2º período (de meados a finais do século XIV) – escudos simples, desprovidos de qualquer ornamento exterior; continuidade de um único escudo, conjugada com o aparecimento de dois escudos, ora idênticos (reportando-se à heráldica de família), ora com duas armas diferentes (uma forçosamente de família, e a outra de natureza à partida difícil de identificar); heráldica mantém-se subordinada a outros elementos iconográficos, com presença marcadamente forte. 3º período (de finais do século XIV a meados do século XV) – fase de transição, com escudos simples, desprovidos de elementos exteriores, mas também escudos representados com um elemento exterior (nunca vários: tenente, sotoposto e sainte do chefe; dois tenentes, a ladear o escudo; mitra, a encimá-lo; ou cruz episcopal, sotoposta); mantém-se a representação de um ou dois escudos, correspondentes a umas únicas armas ou a duas armas diferentes; heráldica continua subordinada a outros elementos iconográficos, tendo uma presença forte. 4º período (segunda metade do século XV) – raridade de escudos desprovidos de elementos exteriores; mitra como elemento exterior predominante na heráldica episcopal; surgimento de armas com elementos exteriores conjugados (mitra, báculo, anjos tenentes); representação de um ou dois escudos, sempre correspondentes a umas únicas armas; heráldica ora subordinada a outros elementos iconográficos, ora como elemento predominante, quando não exclusivo; incorporação de elementos da emblemática eclesiástica dentro das armas, dando origem às *armas de fé*; presença heráldica forte, mas não generalizada.

⁵⁶ Cfr. COULON, Auguste, "Éléments de sigillographie ecclésiastique française (suite)", *Revue d'histoire de l'Église de France*, 18/79 (1932), pp. 178-179; note-se que este autor não distingue fases para o uso de um ou dois escudos, referindo apenas a existência das duas práticas em simultâneo.

onde D. Afonso projectou a instalação do panteão régio nacional⁵⁷.

Por fim, o plano superior deste selo (cfr. *Figura 4*) é dedicado à Virgem, que aparece representada com o Menino no colo, sentada num trono decorado em fundo por um padrão geométrico, também de losangos, mas com maiores dimensões e carregados de pontos ao centro, simulando no seu conjunto uma delicada estrutura retabular gótica. Uma vez mais, repete-se a temática mariana, tão comum entre a sigilografia episcopal, neste caso enfatizando a dualidade votiva que desde o século XII existiu entre o culto mariano e vicentino no espaço litúrgico da Sé de Lisboa, mas também evocando a dedicação desta catedral à Virgem Maria, a quem, aliás, eram dedicadas todas as sés portuguesas medievais, razão pela qual a sua representação como Mãe segurando nos braços o Filho corresponde à emblemática devocional presente na maioria dos selos dos cabidos catedralícios portugueses, tal como nos selos episcopais de tipo gótico devocional, de que este é exemplo⁵⁸.

Em síntese, diversos elementos simbólicos se correlacionam neste selo de D. Gonçalo Pereira: os de carácter identitário e familiar (as armas dos Pereira), os devocionais (as vieiras de S. Tiago) e os que, não deixando também de o ser, associam directamente o prelado à sua diocese, como é o caso da representação da Virgem e do mártir S. Vicente. Desta forma, reforçamos mais a ideia, já por nós proposta no

⁵⁷ Sobre a difusão do culto de S. Vicente e a atenção a ele dada por D. Afonso IV através da reformulação da cabeceira da catedral de Lisboa, espaço de devoção das suas relíquias, cfr. FERNANDES, Paulo Almeida, “«Hoc Templum Aedificavit Rex Portugalliae Alphonsus I»: o mosteiro medieval”, in SALDANHA, Sandra Costa (coord.), *Mosteiro de S. Vicente de Fora. Arte e História*, Lisboa, Centro Cultural do Patriarcado, 2010, pp. 77-107; PICOTO, Pedro, “O Rei, o Santo e a Cidade. O culto de São Vicente em Lisboa e o projecto político de Afonso Henriques”, in *São Vicente, Diácono e Mártir. Padroeiro de Lisboa. 1700 anos do martírio de São Vicente*, Lisboa, Centro Cultural de Lisboa Pedro Hispano, 2005, pp. 57-68; SOUSA, Bernardo Vasconcelos e, *D. Afonso IV (1291-1357)*, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2005, pp. 210-219 e 248-263; FERNANDES, Carla Varela, “D. Afonso IV e a Sé de Lisboa: a escolha de um lugar de memória”, *Arqueologia & História*, 58/59 (2006/2007), pp. 143-166; e CARRERO SANTAMARÍA, Eduardo, “La catedral, el santo e el rey. Alfonso IV de Portugal, San Vicente mártir y la capilla mayor de la sé de Lisboa”, in *Hagiografía peninsular als segles medievals*. Lleida, Institut de Ciències Polítiques i Socials-Universitat de Lleida, 2008, pp. 73-92.

⁵⁸ Cfr. TÁVORA, Luís de Lancastre e, “O culto mariano na sigilografia medieval portuguesa”, in *Congresso histórico de Guimarães e sua colegiada. Actas*, vol. 4, Guimarães, [s. n.], 1981, pp. 435-467. Apenas a título de exemplo, vejam-se os vários selos que o cabido de Coimbra usou até ao século XIV, em MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa, *A Sé de Coimbra. A instituição e a chancelaria...*, pp. 657-665; e o do cabido de Lamego, datado de 1322, que ilustra a capa da obra de SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa, *A Sé de Lamego...* Como exemplos de selos episcopais com devoção mariana, e para citar apenas alguns já conhecidos, cfr. SILVA, Maria João Oliveira, *A escrita na catedral. A chancelaria episcopal do Porto...*, pp. 161-167, que apresenta as impressões sigilares dos bispos portuenses D. Geraldo Domingues (1300-1307), D. Pedro Afonso (1342-1354), D. Afonso Pires (1354-1372†) e D. João (1373-1389); e MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa, “Bispos em tempos de guerra: os prelados de Coimbra na segunda metade do século XIV”, in *A Guerra e a Sociedade na Idade Média. Actas das VI Jornadas Luso-Espanholas de Estudos Medievais*, vol. 1, [Torres Novas], SPEM, 2009, pp. 541 e 548, onde se reproduzem os selos dos bispos de Coimbra D. Jorge Eanes (1338-1356†) e D. Martinho Afonso de Miranda ([1385]-1398).

trabalho realizado sobre a heráldica nos selos episcopais portugueses⁵⁹, da existência de uma emblemática institucional própria da catedral de Lisboa que dá especial relevo ao vínculo desta instituição com o culto a S. Vicente, a ponto de excluir, ou de relegar para um segundo plano, a figura da Virgem padroeira. De facto, diversos são já os exemplos por nós inventariados que nos mostram claramente essa *praxis* emblemática. Entre eles, o selo usado em 1304 pelo deão de Lisboa Egas Lourenço Magro, que, apesar da linhagem importante a que pertencia, recorreu apenas, na sua matriz sigilar, à simbologia vicentina (cfr. *Figura 10*)⁶⁰; um outro selo, de 1307, pertencente a mestre Pedro Eanes, cónego desta catedral, que associa à representação da Virgem a figuração da barca e dos corvos (cfr. *Figura 11*)⁶¹; a impressão sigilar, de 1370, de Dinis Eanes, deão da Sé, exclusivamente dedicada à iconografia vicentina⁶²; ou a de 1373, de Pedro Cavaleiro, mestre-escola de Lisboa e futuro bispo de Silves, que tem, na metade superior do selo, a representação da barca de S. Vicente e uma imagem da Virgem com o Menino (cfr. *Figura 12*)⁶³; além do selo do bispo D. Frei Estêvão, de 1314-1317, e do exemplar mais moderno que estudamos neste trabalho, do arcebispo de Lisboa D. Afonso Pires Nogueira, de 1461, que também apresenta, como veremos, a barca com os corvos e a imagem de S. Vicente⁶⁴. Em consentâneo com estes exemplos, tenham-se ainda em conta os diversos selos do cabido da Sé de Lisboa, que, em 1245, usava uma matriz sigilar onde surgia somente a Virgem com o Menino⁶⁵, mas em 1247 já possuía uma outra que associava essa imagem à

⁵⁹ Cfr. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa; SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; SEIXAS, Miguel Metelo de, “L’héraldique dans les sceaux du clergé séculier portugais...” (no prelo).

⁶⁰ A propósito da sua inserção social e eclesiástica, cfr. FARELO, Mário, *O cabido da Sé de Lisboa...*, vol. 2, p. 32; e MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa, *A Sé de Coimbra. A instituição e a chancelaria...*, pp. 166-168. O seu selo, em impressão de 1304 (10 de Outubro), encontra-se em ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., m. 22, nº 960.

⁶¹ 1307 (18 de Janeiro) – ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., m. 61, nº 2273.

⁶² 1370 (30 de Julho) – ANTT, Colegiada de Santo Estêvão de Alfama, m. 6, n. 118; correctamente referenciado por TÁVORA, Luís de Lancastre e, *O estudo da sigilografia...*, p. 285, nº 403.

⁶³ 1373 (27 de Julho) – ANTT, Sé de Coimbra, 2ª inc., m. 90, nº 4316 (reproduzido e inventariado por TÁVORA, Luís de Lancastre e, *O estudo da sigilografia...*, p. 287, nº 407). Sobre Pedro Cavaleiro, de origem francesa, que encontramos mencionado como beneficiado de Lisboa desde 1359 e que foi cónego de várias catedrais portuguesas, assim como núncio apostólico e colector-geral em Portugal e, finalmente, em 1379, bispo de Silves, tendo acabado por abandonar este cargo e Portugal em virtude de ser partidário do papa de Avinhão, cfr. FARELO, Mário, *O cabido da Sé de Lisboa...*, vol. 2, pp. 108-115; e MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa, *L’épiscopat étranger au Portugal pendant la période avignonnaise* (trabalho inédito, apresentado no seminário internacional *La papauté d’Avignon et les royaumes de la chrétienté occidentale*, realizado no LAMOP, Paris, em Setembro de 2011).

⁶⁴ 1314-1317 (1 de Outubro) – ANTT, Gavetas, XII, m. 5, nº 1; e cfr. *infra*, ponto 3.2.

⁶⁵ 1245 (25 de Março) – ANTT, Mosteiro de S. Vicente de Fora, 1ª inc., m. 3, n. 6; e ANTT, NAF, nº 10601, sem data mas anterior a 1247, visto nesse ano o cabido utilizar já uma matriz diferente; cfr. nota seguinte e CORREIA, Vergílio, “Iconografia de S. Vicente”, *Terra Portuguesa*, 5/42 (1927), pp. 102.



Fig. 10 - Selo do deão de Lisboa Egas Lourenço Magro, de 1304 (imagem cedida pelo ANTT)



Fig. 11 - Selo de mestre Pedro Eanes, cônego de Lisboa e de Braga, de 1307 (?) (imagem cedida pelo ANTT)

Fig. 12 - Selo de Pedro Cavaleiro, mestre-escola de Lisboa, de 1373 (imagem cedida pelo ANTT)



Fig. 13 - Selo do cabido de Lisboa, de 1318 (imagem cedida pelo ANTT)



barca vicentina⁶⁶, estando ambas as representações também presentes numa terceira matriz, já não em dupla ogiva, mas circular, de uma extrema riqueza figurativa e grande qualidade de gravação, que, pelo menos a partir de 1295, o cabido utilizou para autenticar os seus documentos (cfr. *Figura 13*)⁶⁷, antecipando em muito a cronologia da adopção da emblemática vicentina pelo concelho de Lisboa patente no seu conhecido selo monumental do concelho de Lisboa, de 1346⁶⁸.

Estamos, pois, assim o cremos, em condições de afirmar, relativamente a Lisboa, o que antes tínhamos colocado como hipótese tanto para esta como para a Sé de Coimbra, ou seja, a existência de elementos emblemáticos identificativos da instituição catedralícia e da diocese, que ora constituem as únicas figurações patentes nos selos, como sucede com os selos de Egas Lourenço Magro e de Dinis Eanes, ora integram os selos do clero da catedral a par de outras figuras, de carácter heráldico ou devocional, como acontece nos outros casos já documentados⁶⁹.

Apesar de o selo de D. Gonçalo Pereira como arcebispo de Braga (cfr. *Figura 9*) não constar do elenco dos selos eclesiásticos medievais portugueses do *Arquivo Histórico Nacional* de Espanha e, por isso, não ser objecto deste estudo, pensamos ser importante sublinhar as suas diferenças face ao que utilizou enquanto prelado da diocese de Lisboa. Vimos como as cruzes das armas dos Pereira surgem gravadas sobre escudos de tipo francês, de cada lado do bispo orante, no plano inferior do selo, que contém, como o anterior, três diferentes níveis de representação. O

⁶⁶ 1247 (30 de Agosto) – ANTT, Mosteiro de Alcobaça, 1ª inc., m. 7, nº 22; corresponde a um selo bastante mutilado, do qual possuímos uma descrição através de uma pública forma de 1278 (12 de Fevereiro, Leiria) – ANTT, Mosteiro de Alcobaça, 1ª inc., m. 7, nº 27; e um outro exemplar de 1255 (20 de Abril) – ADB, Gaveta das Propriedades Particulares, nº 534.

⁶⁷ 1295 (7 de Fevereiro) – ANTT, Gavetas, I, m. 2, n. 14, documento este que hoje já não possui este selo que ainda nele foi visto e descrito por RIBEIRO, João Pedro, *Dissertações Chronologicas e Criticas*, vol. I, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1810, p. 195. Resultante desta terceira matriz veja-se ainda 1318 (4 de Outubro) – ANTT, Gavetas, XIX, m. 8, nº 21; e ANTT, NAF, nº 10633; este último selo encontra-se mal identificado, como sendo do mosteiro de S. Vicente de Fora, por TÁVORA, Luís de Lancastre e, *O estudo da sigilografia* ..., p. 193, nº 197.

⁶⁸ 1346 (8 de Janeiro) – ANTT, Convento de Santos-o-Novo, Cx. 3, m. 12, nº 245; cfr. TÁVORA, Luís de Lancastre e, *O estudo da sigilografia* ..., p. 276-278, nº 385-386; e FERNANDES, Carla Varela, *Poder e representação. Iconologia da família real portuguesa: primeira dinastia, séculos XII a XIV*, vol. 2, Lisboa, FLUL, 2005, pp. 589-610; e idem, "D. Afonso IV e a Sé de Lisboa...", pp. 152-155.

⁶⁹ Cfr. MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa; SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; SEIXAS, Miguel Metelo de, "L'héraldique dans les sceaux du clergé séculier portugais..." (no prelo). Nesse trabalho, relativamente a Coimbra, foram examinados alguns selos que ora repetem um escudo com faixas onçadas (caso dos selos dos bispos D. Estêvão Eanes Brochardo, de 1304 e D. Jorge Eanes, de 1353; e do deão Fernando Soares, de 1292), ora reproduzem elementos da simbologia municipal (caso do selo do arcediogo Estêvão Gomes, de 1307 e, talvez, do pertencente ao já referido bispo D. Jorge Eanes). Uma outra representação deste mesmo escudo veirado ou de faixas onçadas encontra-se na pedra de armas que se conserva no Museu Nacional Machado de Castro N.º inv. 580; E400), proveniente da Sé Velha de Coimbra e que até hoje se mantinha por identificar. Nela estão esculpidas, lado a lado, as armas de D. João Garcia Manrique de Lara, bispo de Compostela e administrador do bispado de Coimbra entre 1402 e 1407, e esse mesmo escudo, que interpretamos como sendo da diocese de Coimbra.

superior encontra-se destruído nas impressões sigilares que tivemos a oportunidade de observar⁷⁰, mas parece-nos seguro supor que nele figuraria a imagem tutelar da Virgem, padroeira da catedral bracarense. No plano central, de novo deparamos com uma representação hagiográfica: um bispo ao centro, ladeado por dois santos cuja identidade é difícil de verificar a partir dos selos estudados. Vemos, porém – e é o que de momento em especial nos importa – que a figura de S. Vicente desapareceu, reforçando assim a ideia de que a sua presença no anterior selo de D. Gonçalo se devia não exclusivamente à sua devoção a esse santo, mas sobretudo à relação institucional cultural e emblemática deste com a Sé de Lisboa.

3.2. O selo de D. Afonso Pires Nogueira (1461)

O último dos selos episcopais com motivos heráldicos do elenco do *Archivo Histórico Nacional* que aqui apresentamos pertenceu ao arcebispo de Lisboa D. Afonso Pires Nogueira e data de 1461⁷¹ (cfr. *Figura 6*). De cera vermelha, com forma circular e 52 mm de diâmetro, apresenta-se dentro de um cocho de madeira sem tampa e em bom estado de conservação, pese embora a gravação já se encontre um pouco delida.

Sobre o percurso inicial desta personagem pouco sabemos em pormenor, além do facto de ter sido clérigo presbítero, reitor da igreja de S. João da Praça de Lisboa, doutor em Direito Canónico e Civil por Bolonha e protonotário apostólico e de, antes de ocupar a cátedra arquiepiscopal de Lisboa, entre Dezembro de 1459 e Outubro de 1464 (data da sua morte em Alenquer, vitimado pela peste), ter exercido funções como bispo de Coimbra e conselheiro régio nos anos de 1452 a 1459⁷². Descendente da família dos Nogueira e sobrinho-neto de D. Afonso Dinis, bispo da Guarda e depois de Évora, esta linhagem, bastante enraizada na oligarquia municipal lisboeta pelo menos desde finais do século XIII, foi construindo importantes ramificações na hierarquia eclesiástica da cidade e do reino, apoiada sobretudo na inserção de

⁷⁰ Cfr. nota 53.

⁷¹ Este selo de D. Afonso Pires Nogueira autentica o traslado de uma carta do prior do mosteiro de S. Bartolomeu de Lupiana (Guadalajara), na qual se publicam várias bulas respeitantes à Ordem de S. Jerónimo, datada de 1461 (15 de Abril, Lisboa) – AHN, Sigil-Sellos, C. 98, n.º 13; cfr. GUGLIERI NAVARRO, Araceli, *Catálogo de sellos...*, vol. 2: *Sellos Eclesiásticos*, n.º 1638.

⁷² Cfr. ANTT, Arquivo da Casa dos Viscondes de Vila Nova de Cerveira, Cx. 1, n.º 27 (18/56), fl. 219, de 1430 (31 de Janeiro, Lisboa); Cx. 10, n.º 20 (92/215), de 1453 (26 de Março); Cx. 10, n.º 22 (407/224), de 1454 (17 de Julho); EUBEL, Conradum, *Hierarchia catholica medii aevi sive summorum pontificum, S. R. E. Cardinalium, ecclesiarum antistitum series*, vol. 2, Monasterii, Sumptibus et typis Librariae regensbergianae, 1914, pp. 132 e 259. Foi protonotário apostólico a partir de 1441, por nomeação do papa Eugénio IV (ANTT, Arquivo da Casa dos Viscondes de Vila Nova de Cerveira, Cx. 1, n.º 17^a (17/53), de 1441 (17 de Julho). Agradecemos ao nosso colega e amigo Doutor Mário Farello a cedência de informações acerca deste fundo documental particular.

grande parte da sua parentela no oficialato régio trecentista, onde garantiu o apoio que culminou na notabilidade social da família atingida por Afonso Eanes Nogueira, pai do arcebispo D. Afonso Pires Nogueira, que fora alcaide-mor de Lisboa e membro destacado do conselho régio de D. João I⁷³. Por conseguinte, tudo indica que este homem da Igreja constitui mais um exemplo, entre muitos que assumiram a liderança das dioceses portuguesas durante a centúria de Quatrocentos, com origem na burguesia urbana letrada que se acabou por nobilitar pelos serviços prestados à coroa, e que aguardam estudos mais aprofundados de forma a nos permitirem conhecer melhor quer os seus percursos socio-religiosos, quer as suas actuações, neste caso como prelado de duas das mais importantes dioceses portuguesas da altura, Coimbra e Lisboa⁷⁴.

A sua matriz sigilar, no entanto, permite colmatar um pouco essa falta de informações, mostrando-nos que era conhecedor das práticas mais actualizadas no que diz respeito quer às matrizes adoptadas pelos prelados do seu tempo, quer à utilização do cocho de madeira como forma de proteger a impressão do seu selo, dando-nos também a saber que mantinha a tradição cultural da família, devota de S. Lourenço, santo da igreja lisboeta de que os Nogueira eram padroeiros e onde tinham o seu panteão familiar⁷⁵.

De facto, D. Afonso estava bem compaginado com a sua época, ao escolher, já desde o tempo em que fora bispo de Coimbra, um selo de formato circular⁷⁶. Efectivamente, o século XV assistiu a uma paulatina substituição da tradicional dupla ogiva da sigilografia episcopal por selos circulares, que a pouco e pouco se

⁷³ Cfr. COSTA, António Domingues de Sousa, "Mestre Afonso Dinis, médico e secretário de D. Afonso IV, professor na Universidade de Paris", *Itinerarium*, 3 (1957), pp. 370-417 e 491-607; FARELO, Mário, "Ao serviço da Coroa no século XIV: o percurso de uma família de Lisboa, os «Nogueiras»", in KRUS, Luís, OLIVEIRA, Luís Filipe e FONTES, João Luís (coord.), *Lisboa medieval. Os rostos da cidade*, Lisboa, Livros Horizonte, 2007, pp. 145-168; idem, *A oligarquia camarária de Lisboa: 1325-1433*, Lisboa, FLUL, 2008, pp. 229 (nota 1272) e 260.

⁷⁴ Efectivamente, de entre os múltiplos trabalhos que, nas últimas décadas, têm sido dedicados ao estudo das dioceses portuguesas, dos seus bispos e arcebispos e do clero catedralício, muito poucos têm incidido sobre o século XV. As principais excepções são constituídas pelas obras de MARQUES, José, *A arquidiocese de Braga no século XV*, Lisboa, INCM, 1988; e, em parte, de VILAR, Herminia Vasconcelos, *As dimensões de um poder...*

⁷⁵ Cfr. FARELO, Mário, "Ao serviço da Coroa no século XIV...", pp. 145-168; idem, *A oligarquia camarária de Lisboa...*, pp. 229 e 260.

⁷⁶ Não conseguimos localizar na cota indicada por TÁVORA, Luís de Lancastre e, *O estudo da sigilografia...*, p. 311, nº 452 o selo de D. Afonso como bispo de Coimbra que este autor refere, sem, no entanto, apresentar dele fotografia. Para o darmos a conhecer seguimos, pois, a sua descrição: de formato circular, com 50 mm de diâmetro, com a orla ocupada pela legenda [+SIGILU]M : ALFONSI : NOGUEIRA : EP(iscop)I[: COLIMBRIEN(sis)], apresentando no campo "um escudo boleado de bico, posto a direito, em que se contém uma banda enxaquetada de cinco tiras, sendo a do meio coberta por uma banda. O escudo encontra-se assente numa grelha de S. Lourenço". De acordo com o mesmo autor, esta será provavelmente a mais antiga representação das armas dos Nogueira (p. 311), informação que poderá carecer de actualização.

tornaram predominantes⁷⁷. Quanto ao cocho de madeira, não conhecemos nenhum caso anterior a este nos selos portugueses e, dos vários espécimes sigilográficos que nos chegaram deste prelado, não há outro que tenha sido gravado de tal forma, o que lhe confere, naturalmente, uma especial importância, por permitir comprovar mais cedo do que até agora era possível esta prática, através da qual se pretendia proteger a integridade da impressão sigilar⁷⁸.

Por outro lado, este é, também, o único caso que conhecemos saído desta matriz, que difere da dos outros selos de D. Afonso Pires Nogueira enquanto arcebispo de Lisboa, pelas suas dimensões (o seu diâmetro é mais pequeno cerca de 7 mm) e, ainda, por algumas pequenas alterações nos elementos gravados⁷⁹. Em ambas as matrizes, o campo sigilar é preenchido com a representação de dois santos, em pé, numa embarcação que flutua sobre as ondas, em cujas extremidades se podem ver dois corvos perfilados, um em cada ponta. À dextra identifica-se S. Vicente, com um livro aberto sobre o peito, e à sinistra S. Lourenço, facilmente reconhecível pela grelha que segura na mão, representando o instrumento usado no seu martírio. O selo de D. Afonso como bispo de Coimbra apresentava já, também, este atributo iconográfico de S. Lourenço⁸⁰, denunciando uma vez mais, e como já referimos, a tradição pessoal e familiar do prelado ao culto deste santo mártir, de cuja igreja, em Lisboa, a família dos Nogueira possuía o vínculo.

⁷⁷ O primeiro selo episcopal circular que, até ao momento, temos documentado é o do arcebispo de Braga D. Afonso Pires Miranda, de 1412 – ADB, Gaveta das Capelas e Esmolas, nº 47; seguido dos selos de D. Garcia de Meneses, bispo de Lamego, de 1423 – ANTT, Gavetas, IX, m. 8, nº 22, e de um antecessor de D. Afonso Pires Nogueira no arcebispado de Lisboa, D. Pedro de Noronha (1424-1542) – ANTT, NAF, nº 10619; daí em diante, o número de selos com formato circular cresce em grande ritmo, podendo apontar-se os exemplos, anteriores a D. Afonso Nogueira, das matrizes usadas por D. João de Abreu Falcão, bispo de Évora, de 1432 – ANTT, Gavetas, I, m. 1, nº 16; por D. João Vicente, bispo de Lamego, de 1436 e 1439 – ANTT, Sé de Viseu, D.P., m. 10, nº 26 e AUC, Gav. 23 A-N11; por D. Luís, bispo da Guarda, de 1449 – ANTT, Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, Pasta 38, s/n; por D. João da Costa, bispo de Lamego, de 1450 – ANTT, Gavetas, IX, m. 8, nº 33; e por D. Jaime de Portugal, arcebispo de Lisboa, de 1454 – cfr. SOUSA, António Caetano, *História genealógica da Casa Real Portuguesa*, vol. 1, Coimbra, Atlântida, 1946, p. 31, estampa XLVI.

⁷⁸ TÁVORA, Luís de Lancastre e, *O estudo da sigilografia ...*, p. 39, nota 6, afirma que desde o século XIII se encontram selos portugueses protegidos com cocho de madeira; no entanto, o mais antigo que apresenta no seu *corpus* é o de um cônego de Lisboa, datado de Agosto de 1475 (nº 377), portanto bastante posterior ao de D. Afonso Pires Nogueira conservado no *Archivo Histórico Nacional*.

⁷⁹ 1462 (19 de Janeiro) – ANTT, Mosteiro de S. Vicente de Fora, 1ª inc., m. 32, nº 15, referido por TÁVORA, Luís de Lancastre e, *O estudo da sigilografia ...*, p. 320, nº 470; e por CORREIA, Virgílio, “Iconografia de S. Vicente”, *Terra Portuguesa*, 5/42 (1927) pp. 106-107. Alguns outros exemplares deste mesmo selo são apresentados por estes autores; no entanto, Virgílio Correia não cita qualquer cota e as que são dadas pelo Marquês de Abrantes (cfr. nº 467 e 468), referentes a documentos do mosteiro de Chelas do ANTT, estão erradas, pelo que não os podemos localizar, sendo-nos por consequência forçoso estudá-los a partir das fotografias da obra citada. As dimensões dos selos que o autor fornece são de 59 mm, mas é necessário ter em conta que as suas bordas estão bastante desgastadas, o que significa que a matriz teria mais alguns milímetros de diâmetro.

⁸⁰ Cfr. TÁVORA, Luís de Lancastre e, *O estudo da sigilografia ...*, p. 311, nº 452. Infelizmente, este autor não apresenta a reprodução deste selo, indicando ainda uma cota errada para o documento a que está apenso, pelo que só a continuidade de uma pesquisa sistemática dos selos conservados no ANTT permitirá encontrá-lo.

Vemos, assim, no selo de mais um bispo lisboeta, a associação de elementos de devoção pessoal e da emblemática vicentina, reforçando a ideia já explanada da presença de uma identificação institucional nos selos de clérigos ligados à catedral de Lisboa. Neste caso, e ao contrário do selo de D. Gonçalo Pereira antes analisado, a imagem da Virgem é excluída, preferindo-se à evocação mariana a de um santo de quem o arcebispo e a sua família eram especialmente devotos. Os dois santos representados agarram com a mão, ao centro, o mastro da barca, que termina em cruz, com uma flâmula no topo.

Para além desta emblemática hagiográfica, também está presente no selo, e em lugar de grande destaque, a heráldica: efectivamente, no meio da embarcação, sobre a sua borda, surge um escudo de tipo francês, cujas armas estão quase completamente delidas, encimado por uma mitra cuja decoração também mal se distingue.

Como dissemos, esta matriz, além das suas dimensões, apresenta outras diferenças relativamente à dos restantes selos que conhecemos deste arcebispo. De facto, a iconografia é idêntica, mas, nas impressões produzidas com a matriz de maior diâmetro, os pés das figuras representadas não são visíveis e os elementos heráldicos apresentam-se num escudo colocado em cima da embarcação, e não sobre a sua borda, sem qualquer elemento exterior identificativo da função arquiépiscopal desempenhada por D. Afonso Pires Nogueira. Embora mutilados nas bordas, os selos feitos com essa matriz maior encontram-se menos gastos do que o do *Archivo Histórico Nacional*, pelo que se vêem claramente gravadas no escudo as armas dos Nogueira, com a sua banda enxaquetada de cinco tiras, sendo a do meio coberta por uma cotica; a qualidade do trabalho de gravação, aliás, está bem patente na mestria com que cada elemento do escudo aparece executado. No que toca às legendas, as duas matrizes parecem apresentar a mesma, gravada em ambas com letras góticas minúsculas semelhantes: S. R(everendissi)MI : PATRIS : DD(omni) : ALFONSI : NOGUEIRA ARCHIEPISCOPI : VLIXBONENSI(s).

Apesar destas variações, do ponto de vista heráldico estas matrizes integram-se perfeitamente no quarto período definido para a presença de armarias nos selos, correspondente à segunda metade do século XV⁸¹, visto incluírem um escudo armoriado em lugar de destaque. No entanto, a matriz do selo em estudo apresenta um elemento de grande importância, que é a mitra: de facto, durante esta fase fixa-se este adereço, desde sempre símbolo do poder episcopal, como elemento exterior predominante na heráldica prelatícia. Sendo este um sinal de modernidade

⁸¹ Cfr. nota 55.

sigilográfica, seríamos tentados a supor que o arcebispo teria, em 1461, substituído a sua anterior matriz por esta. No entanto, a estarem certas as datas apontadas pelo Marquês de Abrantes, de, respectivamente, 1460 e 1462 para os selos de D. Afonso Pires Nogueira que arrola, as duas matrizes coexistiram. Seria a matriz de menores dimensões reservada à selagem com recurso a um cocho? Implicaria esta forma de selar uma matriz própria? Recorreria com tanta frequência o prelado à selagem sobre cocho de madeira que valesse a pena criar uma matriz específica? Não sabemos, por ora, responder a nenhuma destas perguntas, que deixamos como novas indagações a colocar em estudos que analisem outros selos quatrocentistas, em especial os gravados pelos mesmos sigilantes quer apenas sobre cera, quer recorrendo a cochos de madeira.

4. Conclusão

Estudámos, neste trabalho, um conjunto de selos eclesiásticos identificados no *Archivo Histórico Nacional* de Espanha que, apesar de pequeno, se revela de grande importância para o estudo da sigilografia do clero secular medieval português, visto ser composto, quase integralmente, por espécimes de que desconhecemos outras impressões, ou que se encontram em melhor estado do que aqueles que se guardam noutros arquivos.

Centrando a nossa atenção sobre os seis selos de cronologia medieval que integram esse núcleo, distinguimos dois grupos: três selos que não apresentam elementos heráldicos, pertencentes a D. Fernando Martins, bispo de Évora (1297-1310/11†), a D. Martinho Pires de Oliveira, arcebispo de Braga (1296-1313†) e ao arcediogo de Viseu Pedro Sánchez de Montalbán (1318-1330); e outros três que são armoriados, usados pelos bispos D. Gonçalo Pereira, de Lisboa (1322-1326), e D. Pedro Martínez Argote, de Évora (1322-1340†), bem como pelo arcebispo de Lisboa D. Afonso Pires Nogueira (1459-1464†). Foram estes que, dada a temática da obra em que este trabalho se insere, estudámos com especial pormenor. Todos eles, porém, constituem testemunho eloquente de momentos marcantes da evolução dos selos eclesiásticos medievais portugueses, em especial dos episcopais (pois todos, com excepção do que usou o arcediogo de Viseu, pertenceram a prelados), e por isso, no momento de concluir, devem ser recordadas as suas características principais.

O selo de 1298 de D. Martinho de Oliveira, único deste núcleo que não constitui o melhor exemplar conhecido, mas que podemos estudar na íntegra graças a um

outro espécime muito bem conservado, é um belíssimo selo ilustrativo da fase de transição da tipologia dos selos episcopais ocorrida em Portugal tardiamente, apenas nos finais do século XIII, em que se passa a inserir a imagem do bispo, hierático e *stante*, numa estrutura retabular gótica. Neste caso, a composição é encimada por uma representação da Virgem com o Menino, o que anuncia a nova tipologia de selos góticos devocionais que, introduzida cerca de vinte anos antes em Portugal, começava, por esta altura, a ser adoptada por alguns prelados. Assim sucedia, já no ano anterior, no selo de D. Fernando Martins, bispo de Évora, de que apenas conhecemos, de momento, esta impressão, que não só testemunha um dos primeiros exemplos de utilização desse novo modelo de selo dividido em vários planos figurativos, dando no espaço principal relevo a uma cena de carácter hagiográfico e remetendo para o nível inferior a figuração do prelado, como ostenta, na composição representada, a cena mais antiga do calvário encontrada, até agora, em selos portugueses.

À medida que esse tipo de selo hagiográfico se tornava comum entre a prelazia do reino, no decurso das primeiras décadas de Trezentos, começava também a ser adoptado por diversos membros das canónicas catedralícias, como nos prova o selo do arcebispo de Viseu Pedro Sánchez de Montalbán, de 1328, que segue exactamente esse modelo, apresentando a imagem do clérigo no plano inferior e, no plano central, uma representação a três quartos da Virgem com o Menino.

A fase seguinte da evolução sigilar eclesiástica seria a introdução de elementos heráldicos nas matrizes. Os selos de D. Gonçalo Pereira e de D. Pedro Martínez Argote, datados de 1322 e apensos ao mesmo documento, são os primeiros selos conhecidos de prelados de dioceses portuguesas a juntar estes elementos a uma imagética de tipo devocional. Apesar de contemporâneos, os dois exemplares apresentam momentos diferentes dessa evolução. No primeiro caso, a cruz vazada e floreada dos Pereiras é introduzida fora do espaço heráldico por excelência do escudo, o que era habitual numa fase ainda proto-heráldica, mas viria a ser alterado quando, em 1326, D. Gonçalo Pereira ascendeu à cátedra bracarense e adoptou nova matriz sigilar, onde as suas armas se inserem em escudos. No segundo, a cruz veirada dos Argote encontra-se já inscrita em escudos de tipo francês. Em ambos os selos, a presença duplicada das armas é precoce relativamente ao que sabemos sobre o universo sigilar episcopal armoriado da época, e devemos pensar na influência de modelos estrangeiros como explicação para esta característica.

O selo de D. Afonso Pires Nogueira, arcebispo de Lisboa, cerca de século e

meio posterior, encerra este conjunto sigilar e surge como exemplo paradigmático das mutações que ocorrem nos selos episcopais no decurso do século XV, passando a ser circulares e a dar uma posição de total destaque aos elementos heráldicos. No entanto, e apesar da importância que as armas dos Nogueira assumem neste selo, o prelado não deixou de fazer nele figurar elementos de piedade catequética, colocando o seu escudo de armas entre um santo da sua devoção pessoal e familiar, S. Lourenço, e outro que estava intimamente ligado à arquidiocese que governava, S. Vicente, em cuja barca ambos são representados. Vemos, assim, neste selo da segunda metade do século XV, a permanência de uma emblemática ligada à devoção vicentina de que temos exemplos desde o século XIII nas matrizes sigilares dos prelados e clérigos da Sé de Lisboa, e que comprova a existência de uma iconografia específica ligada a este santo nos selos provenientes da catedral lisboeta. Este selo de D. Afonso Nogueira assume ainda particular importância pelo facto de ter saído de uma matriz que até agora desconhecíamos, ligeiramente diferente daquela que serviu para executar alguns exemplares já identificados em Portugal, e que talvez tenha sido gravada para servir na impressão de selos em cochos de madeira, prática de que constitui o mais antigo exemplo português até agora encontrado.

Como se conclui, este pequeno núcleo de impressões sigilares fornece-nos elementos de grande relevância para o projecto em que estamos empenhados, de elaboração de um catálogo e do estudo dos selos medievais do clero das catedrais portuguesas, nos quais a heráldica, a partir das últimas décadas do século XIII, assume um papel de relevo crescente. Um projecto que conta, desde a primeira hora, com a colaboração de um dos coordenadores desta obra, Miguel Metelo de Seixas, num trabalho interdisciplinar que conjuga a História, a Sigilografia e a Heráldica, para o qual esperamos encontrar os meios necessários para podermos continuar a levar a bom termo.

QUADRO I

SELOS ECLESIÁSTICOS PORTUGUESES NO ARCHIVO HISTÓRICO NACIONAL

Data	Titular	Cargo	Diocese	Sumário	Nº Cat.	Cota
1297, Out. 5	D. Fernando Martins	Bispo	Évora	Carta apostólica dirigida à igreja colegiada do Santo Sepulcro de Calatayud (Saragoça).	1659	AHN Sigil-Sellos, C. 77, nº 5
1298, Out. 31	D. Martinho Pires de Oliveira	Arcebispo	Braga	Indulgências concedidas por vários prelados ao mosteiro de Sto. Estêvão de Ribas del Sil (Ourense).	1632	AHN Sigil-Sellos, C. 100, nº 4
1322, Maio 28	D. Gonçalo Pereira	Bispo	Lisboa	Indulgências concedidas por vários prelados a quem visite ou ajude a obra da igreja e convento de S. Marcos de Calatayud (Sagaroça).	1692	AHN Sigil-Sellos, C. 81, nº 1
1322, Maio 28	D. Pedro Martínez Argote	Bispo	Évora	Indulgências concedidas por vários prelados a quem visite ou ajude a obra da igreja e convento de S. Marcos de Calatayud (Sagaroça).	1693	AHN Sigil-Sellos, C. 81, nº 1
1328, Jul. 28	Pedro Sanchez de Montalbán	Arceidiago	Viseu	Carta de pagamento de 800 dobras referentes a uma causa contra a Ordem de Santiago em Portugal.	2228	AHN Sigil-Sellos, C. 88, nº 1
1461, Abr. 15	D. Afonso Pires Nogueira	Arcebispo	Lisboa	Traslado de um documento do prior do mosteiro de S. Bartolomeu de Lupiana (Guadalajara), sobre assuntos da Ordem de S. Jerónimo.	1638	AHN Sigil-Sellos, C. 98, nº 13
1542, Nov. 2	D. Miguel da Silva	Cardeal Presbítero / Bispo	Doze apóstolos/ Viseu	Carta remissória para o monge Miguel Pexo do mosteiro de Poblet (Tarragona).	1031	AHN Sigil-Sellos, C. 99, nº 1
1542, Nov. 4	D. Miguel da Silva	Cardeal Presbítero / Bispo	Doze apóstolos/ Viseu	Carta de indulgências ao mosteiro de Poblet (Tarragona).	1032	AHN Sigil-Sellos, C. 89, nº 8
1542, Nov. 4	D. Miguel da Silva	Cardeal Presbítero / Bispo	Doze apóstolos/ Viseu	Carta de confirmação dos privilégios do mosteiro de Poblet (Tarragona).	1033	AHN Sigil-Sellos, C. 99, nº 2